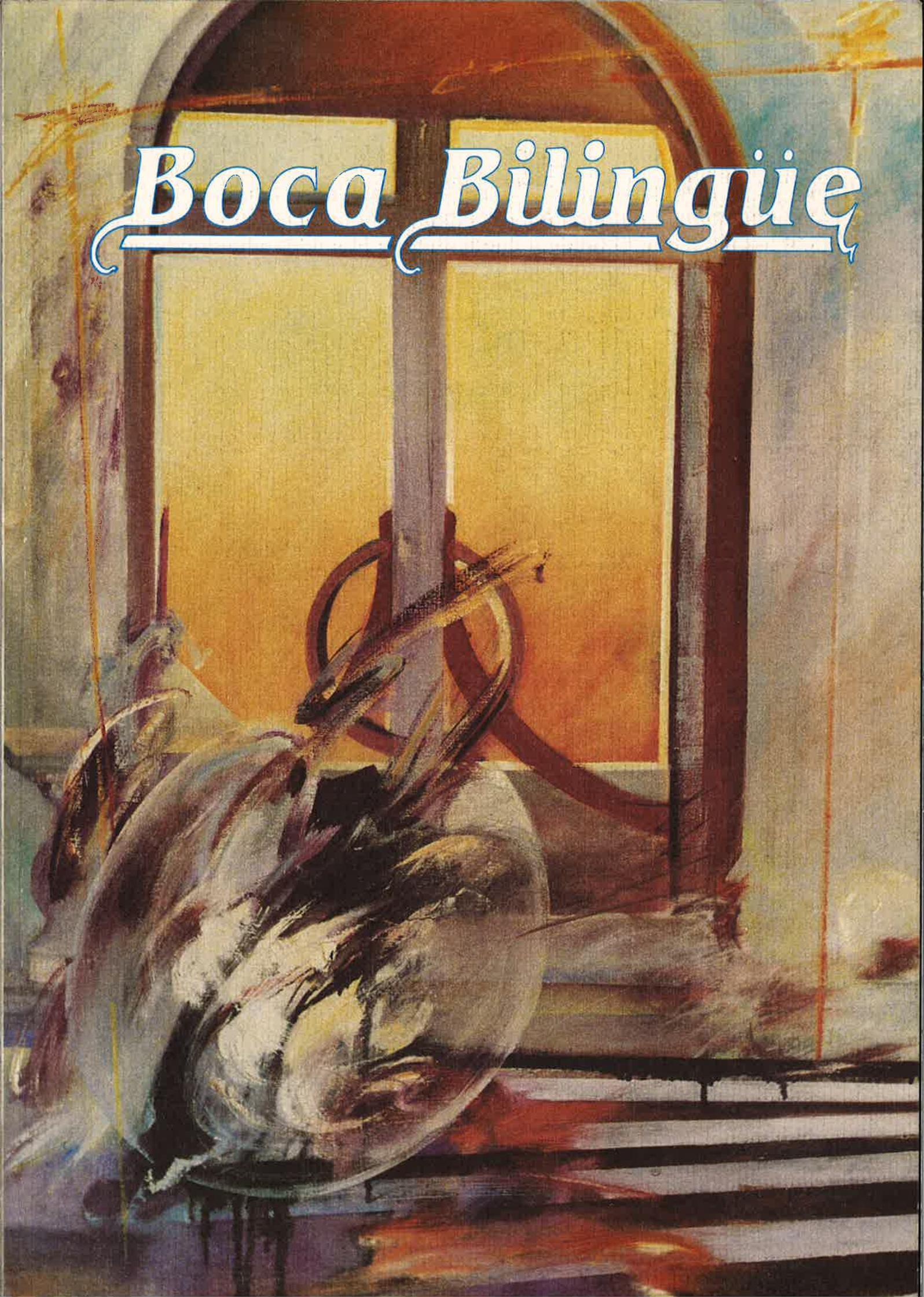


Boca Bilingüe



NÚMERO 1, MAYO - 1989

Director:

José M.^a Martín Valenzuela

Redacción:

Rosendo García Ramos • Rafael Hinojosa Serrano
• César Pérez Casas • Juan Antonio Jiménez • José
Teófilo Bernardo • Sebastián Santolino • Manuel
Abelleira • Francisco Valverde Aybar

Colaboraciones:

Carlos Álvarez de Sotomayor • Rui
Caciro • Ángel Campos • Diego Fernández Sosa
• Carlos Garrido Rújula • Dórdio Guimarães •
José Manuel Regalado • Ruth San Payo • Óscar
Villarino

Colaboración Gráfica:

Sendo • Carmen Usúa • José Luis Pastor Otero

Redacción:

Instituto Español de Lisboa. Rua Direita do
Dafundo-40 1495 - LISBOA

Edita:

Consejería de Educación
Instituto Español de Lisboa

Diseño y Maquetación:

Thesis, S.A.

Impresión:

Tecnigraf, S.A.
Virgen de Guadalupe, 6
06003-BADAJOS

Depósito Legal: BA-141/89

B.B. no comparte, necesariamente, las opiniones
expresadas por sus redactores y colaboradores.

Portada: SENDO.

Sumario:

Editorial • Entrevista a Natália Correia: "Somos
todos hispanos" • Balcón Abierto.
Colaboraciones literarias. • Aportaciones para
una visita a la Reserva Natural de las Berlengas
(Portugal) • Bronce de arnés y cuchillo afalcatado
de La Torre (Avila) • Namban-Jim. Los
portugueses vistos por los artistas japoneses del
siglo XVI. • O Fingidor da Realidade: Julio
Llamazares, *La lluvia amarilla*. • El novelista
sevillano José Mas en lengua portuguesa. • Libros
• Día a día.

E D I T O R I A L

Realizamos ahora un proyecto desde hace tiempo deseado: tener una revista que, periódicamente, pueda servir de medio de expresión de nuestro ámbito cultural. Creíamos que una institución educativa en Portugal, a la que dedica sus esfuerzos un buen número de profesionales, debía facilitar la expresión de aspectos culturales españoles y del país que la acoge. Esta creencia se hace hoy realidad por la decidida voluntad de un grupo de personas y el apoyo de la Consejería de Educación y del Instituto Español de Lisboa.

Hace unos años hubo un intento de hacer una revista de creación literaria, dedicada a los jóvenes escritores españoles y portugueses. De aquel intento heredamos el título y la voluntad de crear un espacio de comunicación y conocimiento. Aquella vocación

genuinamente literaria amplía ahora sus límites a otras manifestaciones de divulgación, de información y de referencias a acontecimientos o aspectos culturales de uno y otro país, respondiendo así a intereses más generales.

La revista quiere ser bilingüe, por justificarlo así dos lenguas que, aunque distintas, no lo son hasta el punto de impedir la comunicación. Al simbolismo que pudiera verse en su título se debe añadir el recuerdo entrañable de un poeta portugués, Ruy Belo, que pasó algunos años de su vida en España y que, con el mismo título, escribió un hermoso libro de poemas.

Hoy ha echado a hablar "Boca Bilingüe". Nos gustaría que su habla fuera duradera y su voz fresca y agradable, como los aires que parecen sentirse.

La publicación de una revista de carácter cultural en el extranjero es un motivo de satisfacción para quienes desarrollamos nuestra actividad profesional en el exterior. Si la revista pretende ser exponente, en dos lenguas tan próximas como el español y el portugués, de las inquietudes culturales de personas relacionadas con Portugal y España, el motivo de satisfacción es doble.

Creemos que iniciativas como la que ahora nace, a la que, sin duda, en un futuro próximo se sumarán otras, han de crear las mejores condiciones para un mayor conocimiento de los dos pueblos peninsulares. Y nos alegra que la realización de este proyecto parta, propiciado por la Consejería de Educación de esta Embajada, de personas ligadas al Instituto Español de Lisboa, institución pionera y punto de referencia cultural española en Portugal.

Deseamos, pues, que *Boca Bilingüe* sea cauce de la expresión, libre y creativa, del proceso de acercamiento que viven los pueblos español y portugués.

Gabriel Ferrán de Alfaro
Embajador de España
Lisboa

E N T R E V I S T A

Natália Correia

Natália Correia é uma personalidade bem conhecida na vida cultural portuguesa. Como escritora tem cultivado a poesia —onde melhor se sente—, o romance, o teatro, o ensaio, a investigação... Actualmente ocupa um lugar na Assembleia da República como deputada independente eleita nas listas do PRD.

Não é Natália Correia uma mulher de meios termos; os afectos e desafectos que as suas opiniões e as suas actuações suscitam também não o são. Há uns meses publicou um breve ensaio com o título *Somos todos hispanos*: o que a alguns pode parecer evidente é para outros uma provocação.

No "Botequim", no Bairro da Graça, num ambiente dum certo gosto nostálgico —canções tão belas como então, lembranças— estivemos com Natália Correia e outros amigos. Aqui contamos algumas das coisas de que falámos.

Boca Bilingüe.— Entre os títulos possíveis para o seu livro escolheu um coincidente nas duas línguas, porquê este título?

Natália Correia.— Para já porque



Camões fala dos portugueses como "Huma gente fortíssima de Espanha". Portanto aí eu quero responder àqueles que me possam acusar de estar contra a sua tradicional hispanofobia que Camões, o grande poeta nacional, assumiu a hispanidade da gente portuguesa. A frase "Somos todos hispanos" é de Almeida Garrett que era um grande nacionalista, fundador do liberalismo e do romantismo. Servi-me desta referência até para constar a minha oposição a opiniões muito importantes, muito relevantes, da cultura portuguesa.

B.B.— Quando utiliza o termo *hispano*, fá-lo com um valor arcaizante?

N.C.— Não, não é um sentido

arcaizante. É um fundamento cultural que tem raízes antigas e que tem a sua continuidade depois, no século XIX.

B.B.— Qual é a reflexão do seu ensaio?

N.C.— O sentido do livro é a ibericidade comum das nações da Península. O livro aponta a uma hipótese eminentemente cultural. Eu falo duma comunidade cultural ibérica que em principio deveria compreender Portugal e Espanha, e depois os países de língua espanhola e de língua portuguesa.

B.B.— A sua ideia sobre a cultura ibérica tem algo a ver com Fernando Pessoa?

N.C.— Ele aceita em parte o princípio de que a Espanha está constituída por várias nações. É a constatação duma realidade. Mas eu só conheci o ensaio de Fernando Pessoa sobre a Ibéria depois de ter escrito o meu livro. Eu escrevi o livro há já muitos anos. É o desenvolvimento dum prefácio que escrevi há muito tempo para uma publicação que íamos fazer escritores e pintores portugueses e espanhóis, com o título de "Ubéria", de úbere. O projecto ficou interrompido com o 25 de Abril. Portanto o livro não é recente. Publiquei-o recentemente, mas não é recente.

B.B.— E porquê é que o publica agora?

N.C.— Olhe, porque...É uma boa pergunta. Eu sou essencialmente uma

poetisa. Mas chegou uma altura em que eu não pude suportar mais o sentimento anti-espanhol que se gerou em Portugal especialmente não nestas últimas grandes opções do Plano, mas nas anteriores. Eu fiquei revoltada e até escrevi um artigo sobre o que foi dito por um indivíduo que fez a sua campanha para deputado para a Europa baseada no seu ódio a Espanha. Depois esta pessoa foi o autor do texto das grandes opções do Plano, ou seja do programa do Governo. Nesse programa defendia-se uma ridícula e cada-verosa ideia do atlantismo, que no fundo não era tanto para exaltar o atlantismo como para amesquinhar a nossa relação como as raízes ibéricas. Eu aceito o atlantismo, com certeza. Era o que faltava, que não o aceitasse. Mas eu não posso ignorar que nós saímos do seio hispânico e que era uma cultura pré-expansionista em Portugal. Antes de 1415, que é a data que marca a expansão, antes disso, houve uma grande cultura e uma cultura que era comum, em que os poetas espanhóis se exprimiam em português, em galaiço-português, e em que, no século XV, os nossos poetas do *Cancioneiro de Resende* se exprimiam em espanhol. De maneira que eu não posso esquecer isso. Nós tivemos as mesmas instituições jurídicas, a mesma organização... Não posso esquecer isso. Mas aquele atlantismo destinava-se a sufo-

car essas matrizes ibéricas e, depois, as grandes opções do Plano, a doutrina, era uma doutrina horrível, contra Espanha, era o seu único objectivo, chegando ao ponto de dizer que Portugal tinha mais afinidades com os países periféricos do norte que com a Espanha. Isso é o cúmulo. Eu não posso aceitar. De maneira que nessa altura eu resolvi publicar o texto que já tinha escrito.

B.B.— A Espanha das Autonomias, que em certa maneira assemelha-se à "Espanha das Espanhas" de que fala o seu livro, tem favorecido o mútuo conhecimento cultural dos povos peninsulares?

N.C.— Aí eu tenho de dizer uma coisa contra a Espanha. É que os portugueses conhecem melhor a literatura espanhola do que os espanhóis a portuguesa. Talvez não tanto hoje, mas noutra altura era assim. Tenho de fazer uma excepção com Unamuno. Miguel de Unamuno é um caso de paixão pelo povo português, pela diferença portuguesa.

B.B.— Acaba de citar Miguel de Unamuno. Natália Correia, sente-se de alguma maneira fustigadora da consciência nacional portuguesa?

N.C.— Bom, há quem diga que sim.

B.B.— A sua condição de mulher, tem alguma coisa a ver com isso?

N.C.— Vou dizer-lhe uma coisa. Ao contrário do que muita gente pensa, eu

creio que os grandes povos do machismo estão no norte da Europa e que se vão atenuando para o sul. Os países do sul são países mais femininos do que os países do norte. Acho que a mulher ibérica tem uma força. De maneira que talvez eu tenha consciência dessa força e seja uma intérprete daquilo que eu considero o feminino da cultura, que é também património do homem, que é a ousadia e a coragem dessa cultura da emotividade e da paixão.

B.B.— A ideia do seu livro tem alguma relação com a do romance *A jangada de pedra* de José Saramago?

N.C.— Não, não. Nunca li o livro de Saramago. Eu não sou uma leitora de livros comerciais. Eu sou uma marginal. Aliás, como lhe disse, este livro já tem muitos anos.

B.B.— Qual é a sua opinião sobre a Europa?

N.C.— Eu tenho repugnância pela Europa do aço e do carvão. O Senhor Jean Monnet começou muito mal pela Europa do aço e do carvão, quando devia ter começado pela Europa das culturas. Essa Europa não me interessa nada.

B.B.— Mas é um facto.

N.C.— Sim, e creio que vai acabar muito mal, porque vai estabelecer uma tensão fortíssima de culturas. A Europa económica tem de ser enquadrada num projecto cultural e civilizacional e só neste projecto é que se pode realmente

resolver os problemas das regiões, junto a outros problemas de diferenciações culturais que tem.

B.B.— E como é que pode ser constituído este projecto?

N.C.— Há um caminho que eu posso prever que se abra, é o caminho da "casa europeia" de que fala Gorbachov, porque aí há novos elementos que se juntam a uma Europa que só tem como finalidade competir com as grandes potências industriais.

B.B.— A cultura ibérica pode dar alguma coisa á Comunidade?

N.C.— Sim, uma mensagem muito importante que é precisamente a de reumanização através dos valores da emocionalidade e da paixão, que são características da cultura ibérica e que estão a desaparecer hoje dum mundo dominado pelo princípio do rendimento. Eu queria chamar a atenção para o facto de ter escrito o meu ensaio fora das regras do ensaísmo. Hoje o ensaio está dominado pela concepção francesa da análise. Eu escrevi o meu livro numa linguagem propositadamente apaixonada para afirmar uma cultura ibérica frente ao ensaísmo francês que pesa sobremaneira na Europa e nomeadamente em Portugal.

No local vão entrando mais pessoas, mas ainda persiste um ambiente de família. Entram e saem com saudações carinhosas e cúmplices para Natália

Correia, que as devolve com a naturalidade de quem as faz cada dia. Há uma luta entre a voz de quem tenta cantar e as muitas vozes que falam... "*Parecem bandos de pardais os putos... os putos...*"

B.B.— Porventura a opinião de Natália Correia sobre certa intelectualidade e sobre determinadas instituições não é muito boa. Mas, e a juventude portuguesa?

N.C.— Coitada! Não se trata da juventude portuguesa, mas de toda a juventude, que foi subjugada pelos valores da productividade, percebe?, que a tornaram objecto de consumo. E mais, está-se a chegar a um fenómeno terrível que é a maneira de a alienar para o poder roubando-lhe a sua capacidade de sonhar; atraíram-na para o poder para não ter em conta a subversão natural da juventude.

Agora é Natália Correia quem canta com boa voz "*Inda não fui ao Brasil, já me chamam brasileiro...*"

B.B.— Para defender a sua posição intelectual, onde se sente melhor, na literatura ou no Parlamento?

N.C.— Na minha literatura, com certeza.

E direi mais. Eu tenho feito intervenções em poemas no Parlamento.

B.B.— E como é que reagem os seus colegas?

N.C.— De pé, a dar-me palmas.

Aqui sente-se muito respeito pela mulher e a sua voz é respeitada quando se sabe impor. Em Portugal há um grande respeito pelos poetas.

...Alguém no fundo: "São maltratados, mas respeitados".

Carlos canta "Marianita Pineda".

— "Claro que conozco a Mariana Pineda. ¡Cómo no! La obra de Lorca. Es una obligación literaria". "Guardad silencio que este señor andaluz va a cantar una canción sobre Mariana Pineda".

"Ay, García Lorca, perdiste la 'vía' por ti llora y llora tu Andalucía."

— "Eu tenho uma grande paixão pelo sul da Espanha. Córdoba... Eu fazia questão de chegar a Córdoba sempre à noite. Passei momentos extraordinários no sul de Espanha".

Já as intervenções se sucedem desbordando qualquer ritmo possível de entrevista.

E recita Natália Correia com a voz cadenciosa de quem se lembra: "Manolo Sánchez de Sevilla..."

Texto: Martín Valenzuela

Fotos: Sendo.



Mirador de Santa Luzia

*Si todos los colores son el blanco,
cómo decir el gesto, la ventana
o esa nube encendida
sobre el río que es luz
que no se nombra y arde
y pasa y ya es olvido.*

Ángel Campos



Redemisere

*Is delancia,
madimar,
redemisere.*

Ualé, ualé.

*Is trajenas,
rojidar,
redemisere*

Ualé, ualé.

Rasi jalenda debidas, unimilarem.

Is.

Ualé...

Ualé...

Redemisere.

Oscar Villarino



Pergunta em forma de prece - ou vice-versa

Entre a nossa pura e simples anémica distração

e a tua pura e crassa inexistência; entre

a nossa pobreza —e mais que pobreza, insignificância—

e a tua própria e sádica distração,

que mais maravilhas, que novos prodígios,

Senhor, tens a somar no entretanto?

Rui Casero

*Ante el nicho de Miguel de Unamuno
en el cementerio de Salamanca*

*Esta es la viva lección de tu memoria,
al humo de tus huesos pervives
y nos rizas, nos abondas y elevas,
verso como sangre, estallido y ausencia;
fiero Miguel, te vemos en la bruma,
barcaza por los ríos navegables al par
de los caozos, hondonadas que nos siembran
la muerte. Esta mañana, sentados
a tu orilla, a corazón alzado, recuerdo
seas de España remejida, atisbo
de la luz, ansia de Dios, un Gredos
de ternura frente al trigal inmenso
y sus acicaladas torres vívidas.
Miguel, Miguel, como del brazo
al amor te hemos sentido, vive ahora,
pues al dolor retiemblas del mar
cansado y breve de los cuerpos.
Engranada palabra de este otoño
sobre el que solo navegas, búsqueda
de los ojos, verdadera verdad,
isla en la duda, entramado de Cristos,
pesas de amor en nuestros brazos
y tu sien sobrevive.*

José Manuel Regalado

SAUDADES DE ESPAÑA

Oh, o rumor das árvores na madrugada,
a vida é uma sinecura de eu não estar em Espanha!
Aqui me apago em poentes dezembristas,
cercado de escassas vistas e tantos suspiros

por entre muralhas e olivales, charcos e lunas
e as calles de Madrid que nunca vi?
Exorbita em mim a hora castelhana
de se morrer em pé e eu aqui sentado

nisto que tenho de lágrima sem alternativa,
neste meu hablar de pensar e ficar,
olhos peninsulares e viejos, trajes de luces
de mi alma, ávida de vinho, chula e zarzuela!

Oh, el rumor de los árboles na alvorada
del gracioso, que gusto tiene el violeta
na saliva dos amantes? Un poco de cidra
e la sangre e la mar a paixão quietam...

Outono de 1988

Dórdio Guimarães

Algunos recuerdos

Sí. Puede que una mañana salgas de esa casa, perfecta y fría, y adivines entre las aguas la tuya. Seguramente que, si te lo tomas con calma, descubras aquel rincón donde supiste lo que es un cuerpo caliente de mujer que te pide un beso. No, no es posible que fuese ahí, pensarás.

Desviarás la vista más a la izquierda y dibujarás tu escuela. Ah, la parte trasera en la que te fumaste tus primeros cigarros... ¡qué mal sabían! y seguirás viéndolo como un imposible, como algo inexistente donde nunca haya habido nada.

Y la gente habla de otra forma; habla de valor artístico y de beneficios, de escudos nobiliarios y de intereses generales. Parece que les dé lo mismo que el sitio en el que perdonaste una mala pasada a tu mejor amigo —sintiendo ese reverdecir del corazón bondadoso que olvida— pase a vivir solamente en tu memoria. Quizás pienses que deberías haber usado la violencia, o quizá que hubiera sido inútil; lo más probable, casi te estoy viendo, es que saborees una lágrima salada como la amargura y triste como la impotencia. No, no podrás creértelo.

Mira allí, te dirá la voz de tu ya irreflexiva conciencia que apenas reconocerás, donde se ha levantado esa pequeña ola, sí, seguro que fue allí donde te dijo aquella chica lo bonito que eran tus ojos. Por la noche no bajabas del desván, de tu desván, y no dejabas de mirarte en el espejo para ver si era verdad.

Y sí, ojalá que no, pero seguramente sea verdad que te han ahogado tus recuerdos en un agua negra de la que dicen que traerá la vida. Pero tú no lo crearás.

Óscar Villarino

CRÓNICA-15

RITUAL DE HILARIO DE SOUSA (Fragmentos)

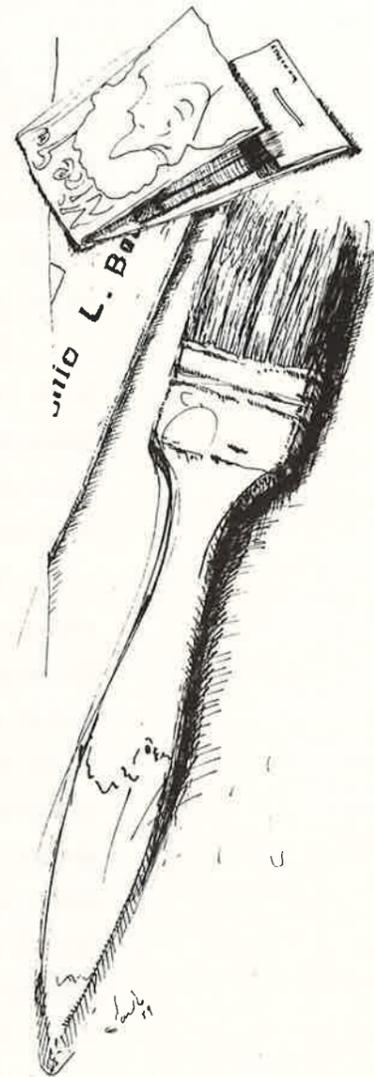
Semanario de la desgana

I

...cuando se quiso dar cuenta estaba hablando a solas. No había nadie, aunque sabía que alguien le escuchaba. Él sabía que su monólogo sería escuchado por alguna lagartija, piraña o gaviota. Argumentaba, resumía, daba nuevos giros a sus palabras, discurría por esos artilugios del discurso cambiando de temas, de intereses y de motivos. Y toda la rinconera se llenó de música de fado, de coração de fado, de saudade de fado.

/la verdad es buena compra y puede resultar mono con la maceta/lástima, sin tabaco, y a fumar este malísimo SG/chupi lo del jazz en la Retoría/el jersey verde para qué camisa/no... definitivamente no se puede estar en el torno y en las monjas/y nada de depresiones ¡Hilaaaaarioooooo!/tres buenas cazadoras de cuero, eso/otra bica y así descanso un rato/vaya rollo eso de los usos amorosos de postguerra/gas encendido-ducha-rincón-el-que-la-le-a-me-la.../

¿Cuánto tiempo estuvo hablando solo?... Su madre le decía que era un mochilón. ¿Qué diría ahora si lo viera fregando platos, quitando el polvo de los cristales y planchando ese coñazo de camisa de algodón?



— ¡A ver, lector, usted que sabe tanto! ¿Qué le diría?

II

Leí Totem y tabú, escribí un artículo para la prensa habitual y deshojé otra vez la margarita en la noche de los caimanes. Aquella adolescente, por el río seco, con todo el zumo de sus muslos

abriéndole el ombligo, ¡dos hermanas, caramba!, teniendo celos y rabia del altar de Hilario...

Y tú siempre con el mismo tono: ¡gorda! ¡gorda!... ¡Ay, Dios mío, que si no hubieras estudiado, rebuznarías! Y una que estaba ciega, ciega, ciega. Pero santo Tomás, una no más.

Hubo tiempo en que la escena se repetía cada vez que Hilario llegaba a su casa después de las diez.

"A las diez en tu casa estés, más vale antes que después."

Todos los martes

III

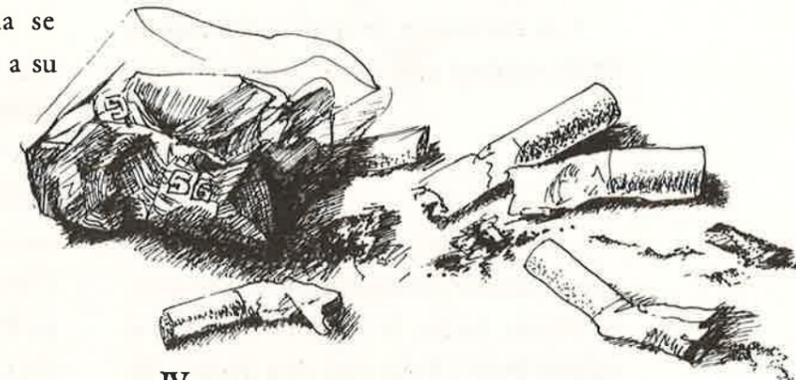
Colorado y ebrio con aquel verso de Neruda cantado por Teodorakis. Siempre tuvo una encendida vocación de director de orquesta, pero alguna sonata y —sobre todo— un polvo de miseria le condujeron por otras veredas vecinales. El rito, aquel rito de la cuarentena, aún le sacaba a relucir sus espinos de erizo.

Llovía en la noche de los caimanes. Pero sobre todo hacía frío en aquel cuerpo. Lo supo por el hormigueo en las palmas de las manos. Y leyó aquel relato del llanero solitario cuando el mar o el Tajo (no lo sabe bien) comenzaba a morder el melón floreciente de una octava luna. La avidez de ginebra era un síntoma claro de una nueva lucidez. Una vuelta más al tornillo de su vientre y, apretando las tuercas del volumen, se le hizo nocturno

todo el alquitrán de febrero.

"Por fin el sueño vence el perfil patizambo, la quimera que nos hizo sentirnos circulares en el musgo cañí de Azarujinha."

...¿Lo recuerdas, badina?



IV

Jueves

V

Hilario de Sousa y de tal y tal, natural y vecino de, domiciliado en y residente, carné número, registro número, póliza número, sello firma y rúbrica del infraescrito abad de Villagoma, alcalde, cabo de la guardia civil, jefecillo de las falanges, a vuestas mercedes todas ilustrísimas, reverendísimas y excelentísimas, expone, suplica, ruega, llora que es gracia, favor, beneplácito, indulgencia siempre de su siempre bondad, gentileza, generosidad que el Santo Dios cuide, guarde, vele y alargue por el bien y provecho y beneficio de este humilde, devoto y casto servidor, mamoncillo y petimetre...

¡OooooooooHhhh, Algés, very good...!
¿Está bõaaaaaa.....

Cuando besé a la niña no sabía que siempre hay un tiempo recobrado en cada hueco de mi memoria. Aún no lo sabía. Ainda.

Y los viejos rituales, como los viejos rockeros, nunca mueren.

Y se dio cuenta de que las alumnas de COU estaban casi todas "güenas".

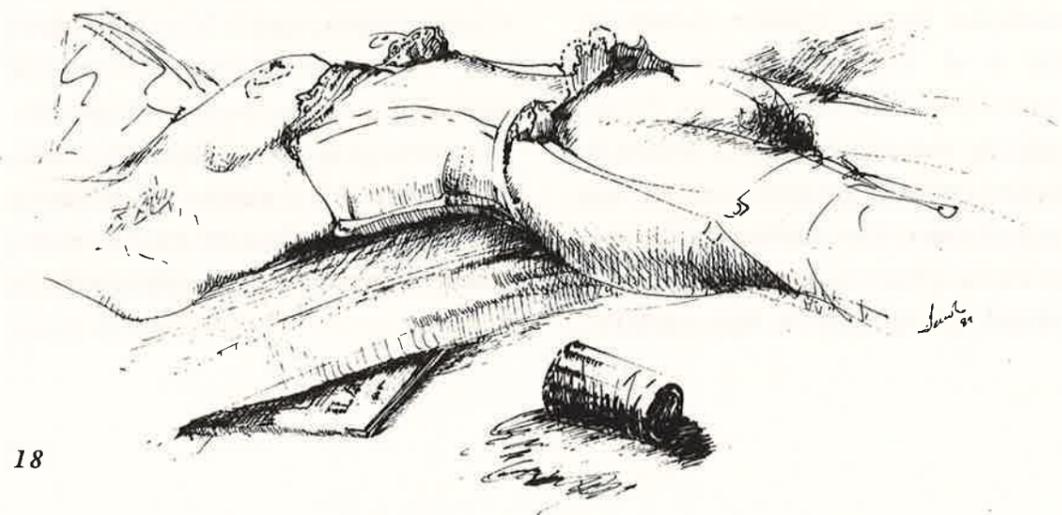
VI

...¿Lo pondría como Crónica-15? ¿Y con el mismo protagonismo que el pájaro Picón, Jechu, la señorita Solpal o el viajero Poli? ¿Tenía este don Hilario de Sousa los perfiles precisos para ser el antihéroe del Gran Ritual?

"Señoritas y caballeros:
La lengua es un instrumento
de comu - ni ca ção y yo...

—¡¡¡Bravo!!!!!!Qué tío!!!

Resbaló en la empinadilla cuesta que da entrada al Instituto Español de Lisboa y, entonces, la Viví soltó una blanca carcajada que le descubrió su dentadura de pantera guapa. Frugal. Se diría que



esa dieta frugal a base de melões del Alentejo, mangas de Mozambique y duraznos de Santarém le sentaba como a un santo dos pistolas. Y otras dietas que a su reclamo acuden: dietas del vino, dietas de patatas fritas, dietas de conversas y, claroclaroclaro, dietas de oraciones copulativas.

...en la playa de Azarujinha hay muchas algas que parecen enormes ciempiés que te hacen cosquillas y te dan asco luego me salen pupas sólo te contemplaba el sol con ese cuerpo moreno y gitano que le dio la Virgen de Lurdes como la pijolandia granadina así es Cascais rubios en Guincho te bronceas en Caparica silencio en S. João papeles y malafollá en Algés, falsos lacostes de Carcavelos, homenagem a Pessoa...

—¡¡¡Bravo!!!!!!Qué tío!!!!

"Caballeras y señoritos:

La Literatura es un acto lúdico y catártico bla, bla, bla... que bla, bla, bla

—¡¡¡Fuera!!! ¡¡¡Fuera!!!! ¡¡¡Fuera!!!

Por las noches. Sobre todo por las noches. Hilario echaba en falta su vientre, su oráculo, su plegaria. Sobre todo por las noches. Su vientre a secas con

sólo su altiplano como bandeja. Su vientre de acerolas tibias. Y se metía entero, todo dentro, en la selva de las palabras y de los goces. Por las noches. Sobre todo.... vientre.

VII

Algunas veces era domingo en el Ritual de Hilario de Sousa y — entonces— el semanario de la desgana se hacía ágape y ofertorio, mordisco y yema, crucigrama y vida... larga confesión de estío.

Era el sol de aquella buhardilla del paseante quien le grababa a Morrisey y Peter Gabriel, mientras él pintaba con brocha gorda. Pintaba maceteros, marcos, platillos, cerraduras y cabezones, casi todos con cara de comanche.

Donatina y su hija, la calentona, el abuelo feo, el chasquear de la dentadura del Antonio, las pelotillas del Javi, por cima Galiza, Rasputín el nocturno, un porno de Scorcese y-en baixo-el semen podrido de Azarujinha con el perro que cojea cansado, la vieja de negro silabeando latines, el senhorío y la rapariga con los ojos como brótolas y el sexo recién dormido...

Semanario de la desgana que tenía anotado en cada página de su diario íntimo: rato, roto, reto, ruta, rito. Y así sucesivamente. Como un romance del buitre, o un madrigal de la espera, o una elegía penúltima, o una égloga del silencio. Como unas oposiciones al Insalud, una pipa de Reyes o una sevillana corra-



lera. Como un pito de reptil plateado, una concha de orín y consola o un fado de la rinconera.

Como tú, lector que te sorprendes de este relato aparentemente

sin $\left\{ \begin{array}{l} \text{sentido} \\ \text{argumentos} \\ \text{episodios} \end{array} \right.$

Como tú, recreador de todos tus ritos posibles, piensa que el ritual de Hilario de Sousa es la liturgia de tu propia ceremonia cotidiana.

Estaba decidido ya a beberse el potingue preparado, cuando Albinoni le prestó un poco de esperanza.

Y cuenta el final de la Crónica-15 que, mil años después, aún puede verse al pobre de Don Hilario convertido en estatua de sal y olivo.

Rafael Hinojosa
Lisboa, 89

EL INVERTIDO

San Demente de la Ciénaga, 9 marzo 1986

Querida Rebeca:

Estoy segura te sorprenderá la prontitud con que he vuelto a escribirte después de tu última visita. Pero de unos días a esta parte han ocurrido hechos dignos de ser puestos en conocimiento, dada su originalidad y extravagancia, de una psicóloga tan (y permíteme que te halague de esta manera) insigne y eminente como lo eres tú. No, tranquila; no soy yo la convaleciente. En caso de que lo fuera, no cometería la cordura de pedirte consejo. Ningún loco, creo yo (y en esto tú tienes más experiencia), acertaría a tomar una decisión tan apropiada como la de consultar a una persona capaz de resolver sus problemas digamos de conducta hacia los demás.

El problema, y paso a contarte lo sucedido, radica en mi nieto. Se trata de aquel mozo de veintidós años tan alto y guapo que se ofreció en tu penúltima visita a transportar los bultos desde la estación de autobuses hasta casa. Por aquel tiempo, cómo iba yo a sospechar que aquel ser cuya timidez le venía persiguiendo y atormentando (esto se desprendía de su comportamiento y de sus súbitos cambios de color del blanco al rojo) desde su infancia, tan introvertido y taciturno en sus acciones y en las conversaciones de la familia (que no eran muchas, bien es cierto), se tornase de la noche a la mañana en un cínico y rebelde. Así lo definiría yo, a falta de poseer adjetivos que califiquen en profundidad este inexplicable y sorprendente cambio de su personalidad. Pero voy al grano, querida.

Todo empezó el martes pasado. Ese día se levantó con un optimismo (he de decirte que la tristeza era una de sus constantes desde el primer amor contrariado —todos sus

amores han sido, hasta ahora contrariados—, hace ya siete años), con un optimismo, decía, como nunca se le había conocido. "Hoy voy a empezar una nueva vida, abuela", me dijo cordialmente; cosa que ya de entrada me sorprendió, pues jamás me dirigía la palabra antes de las diez, y eran más o menos las nueve de la mañana. "¿Y qué vas a hacer?", le pregunté, por decir algo; pero también llevada por una enorme curiosidad, tal era la sorpresa que me había deparado. "Ah, eso es un secreto. Luego lo verás". Consiguó intrigarme con esas palabras. Pero no tuve más remedio que conformarme y esperar la llegada de ese momento tan trascendental para los dos.

Se me quedan algunos detalles en el tintero. Por ejemplo; esa misma mañana desayunó algo que hasta entonces él y yo misma y cualquier persona normal lo hubiera considerado como exótico: el menú fue un vaso de agua y una manzana triturada previamente y cuyo jugo utilizó después para lavarse los dientes. Rebeca, querida, créeme que no estoy loca. El loco es él. Créeme. Realmente es esto lo que vi. Pero ahí no queda todo.

Pude observarle, a escondidas, cuando se afeitaba, al tiempo que tarareaba una canción que más bien parecía de curas. Sin duda, algo tenía que ver con la mística. Para afeitarse se colocó (Dios mío, Rebeca, créeme) unas gafas de sol de los años sesenta que las habría encontrado por casa y que yo no tenía idea de que todavía estuviesen rodando por ahí. Y cosa curiosa: una vez que hubo terminado no le aprecié ningún corte de cuchilla. Esto, para él, constituía toda una hazaña. Era la primera vez en siete años, fíjate, siete años, que no se producía un solo corte en sus facciones.

Pero, querida Rebeca, todo esto, comparado con lo que voy a contarte a continuación, son puras insignificancias.

Después de afeitarse, desapareció de mi vista y durante veinte minutos no supe nada más de él. Hasta que por moti-

vos de mis quehaceres domésticos hube de subir a la terraza, donde me lo encontré (¿te imaginas cómo?), pues me lo encontré cabeza abajo, suspendido del cable del tendedero. El elemento (porque así se me antoja llamarle ahora; ahora que ya no sé si esto es una persona en sus cabales o un demonio, Dios me perdone), el elemento, digo, leía un libro al revés, quiero decir al derecho nuestro, que para él supone el revés: o sea, las letras las veía al revés, no porque estuviese bocabajo, sino porque el libro en cuestión estaba al derecho; como si lo leyéramos una de nosotras, vaya. Además lo leía al revés doblemente; quiero decir, había empezado a leerlo por el final.

Yo, al percatarme de aquella especie de fenómeno retroactivo (es la única expresión que encuentro para designar un caso como éste) casi me desmayé. Cuando fue capaz de asumir aquella "esperpéntica" visión y reponerme de la impresión sufrida, acerté a gritarle, al borde de la histeria: "Desgraciado, pero qué estás haciendo. ¿No te da vergüenza que alguien te vea así? ¿Es que te has vuelto loco?" Por lo visto él no se dio por aludido y continuó en aquella demente postura. "¿Es que no me oyes —volví a gritarle—, o no quieres oírme, eh? Contéstame, energúmeno." Entonces el único movimiento que hizo fue pasar una página del libro, y siguió en su silencio. "¿Te piensas tirar toda la mañana así?", le pregunté, sin recibir respuesta alguna. Ya empezaba a cansarme el muy cerdo. Él me miró de soslayo. "Se te va a bajar la sangre a la cabeza", le advertí. Volvió a mirarme. Y después, que te crees que me dijo, Rebeca. Fue algo que no podré olvidar así viva sesenta años más, aunque creo que mi existencia al lado de este individuo no se alargará por muchos días. Me dijo de esta manera: "He empezado a vivir una vida nueva, vieja del coño. Por qué no te largas y me dejas tranquilo. Vete a espigar berros donde los haya y si no, los plantas; adelantarás mucho más que quedándote ahí mirándome como una cretina." Rebeca, créeme que en aquel momento no daba crédito a mis oídos. Supuse que serían voces de la calle, de

algún maleducado, de algún gamberro, qué sé yo. Pero no, salían de su boca, de su mismísima boca y estaban dirigidas a mí, a su abuela, la que le ha mantenido durante diecisiete años consecutivos. En fin, no estaba dispuesta a continuar oyendo impropiedades y blasfemias, y mucho menos insultos que me despojaban de mi dignidad de persona civilizada y decente. Bajé las escaleras llorando y lamentándome por encontrarme tan sola en esos momentos, y porque él no tuviera unos padres a mano que supieran hacerle entrar en vereda. Créeme, Rebeca, estoy muy consternada por esta situación tan desastrosa en que estoy viviendo estos días. Digo en que yo estoy viviendo, pues a él parece ser que todo le da igual. Prescinde de casi todo lo que antes le rodeaba. Ha vuelto su vida totalmente del revés. No se sujeta a ningún horario. Sigue con esas posturas raras que él toma, sigue colgándose por los pies del tendedero, sigue haciendo verdaderas extravagancias y barrabasadas que a mí me sacan de quicio. Por eso me he decidido a escribirte lo más pronto que he podido. Temo no aguantar por mucho tiempo toda esta locura. A veces he pensado si no habrá sido coaccionado por sus amistades, si no frecuenta algunas de esas sectas religiosas o habrá tomado parte en algún movimiento juvenil de vanguardia. En ti está la solución, mi tranquilidad o mi preocupación. Espero una respuesta que me aclare todo. Sé que tú me la puedes dar. Te suplico, Rebeca, que me escribas nada más recibir esta carta. Tú sabes ya lo importante que es para mí. No te demores, por favor. La cordura apremia.

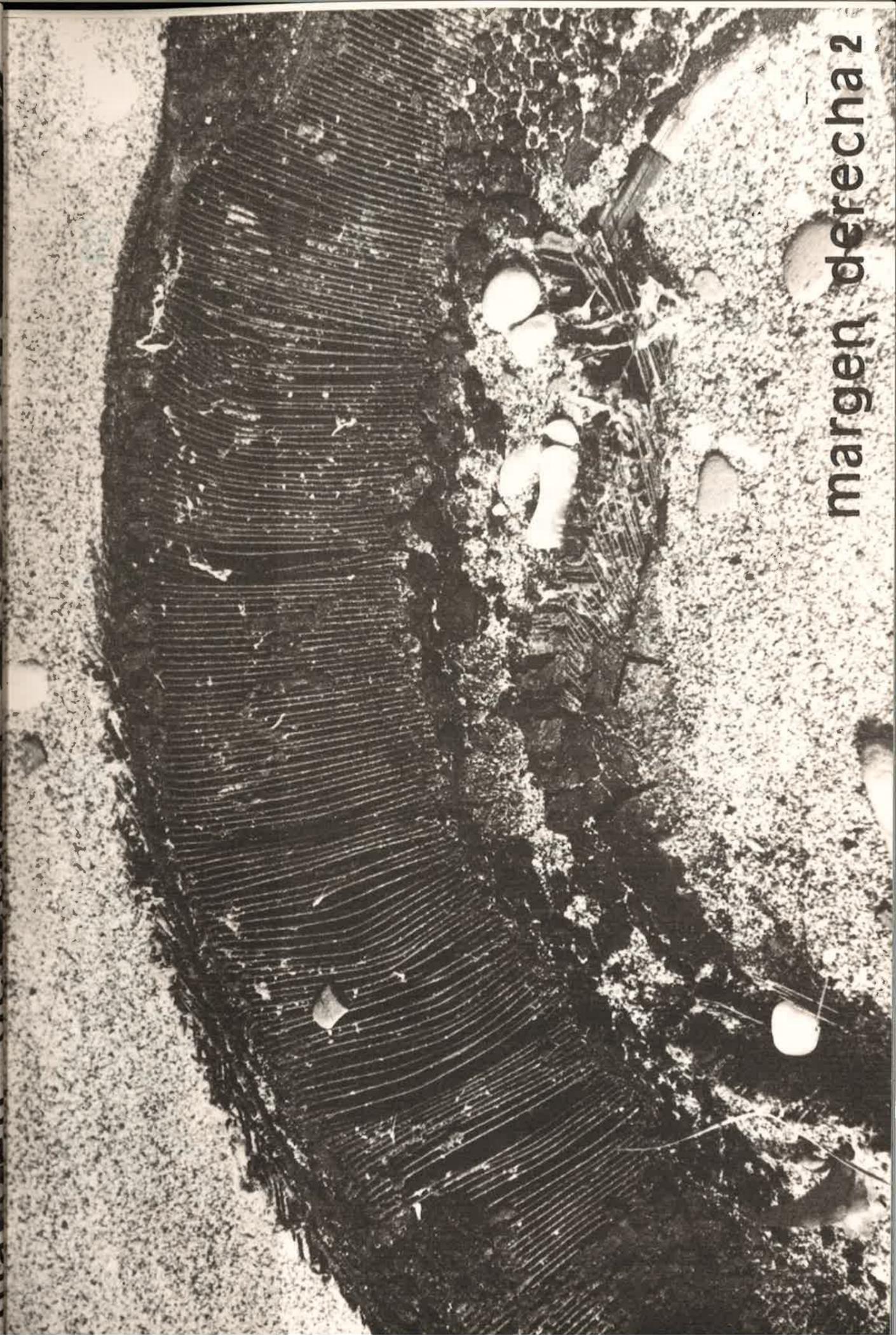
Besos de tu amiga que te quiere y te aprecia,

Celia

Diego Fernández Sosa.



margen derecha 1



margen derecha 2

APORTACIONES PARA UNA VISITA A LA RESERVA NATURAL DE LAS BERLENGAS

César Pérez Casas

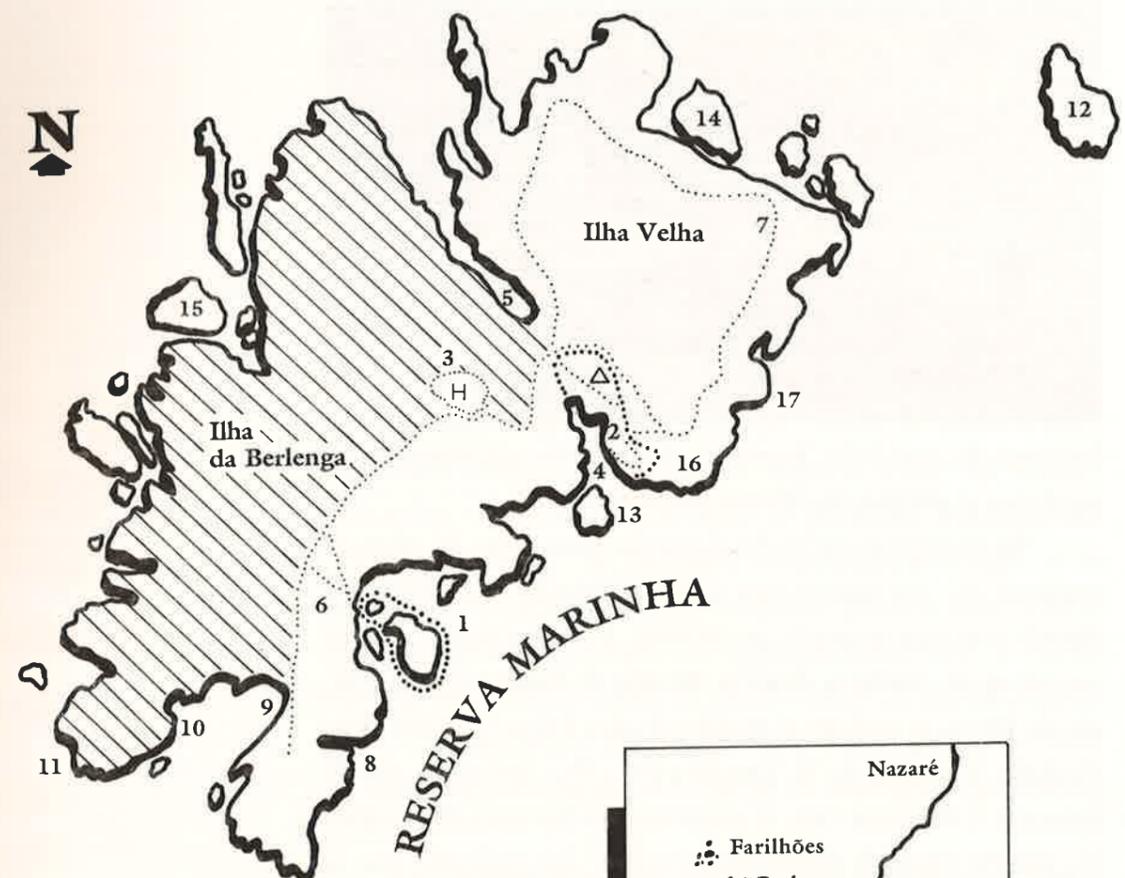
A pocos kilómetros de Peniche y en dirección NE, nos encontramos la isla de Berlenga, que con una superficie de 78 Ha., es la mayor de un conjunto de islas, restos de un antiguo macizo continental hoy sumergido. Las Estelas y los Farilhões, situadas al NW de la Berlenga, completan este archipiélago de singular belleza.

Su situación, en pleno Océano Atlántico, condiciona las diferentes formas de vida, que junto a su reducido tamaño, las hacen muy vulnerables.

Según Conceição Moreira (1987), la isla Berlenga fue ocupada por los Celtas, de quienes recibió el nombre de Landobrix, que significa tierra pantanosa, lo que es extraño dada su constitución geológica; posiblemente, las alteraciones geomorfológicas de la costa portuguesa, expliquen tal hecho. Si bien, otros autores confundían Berlenga con Peniche, que aún en el siglo XII era una isla, transformándose posteriormente en península, tras un largo proceso sedimentario.

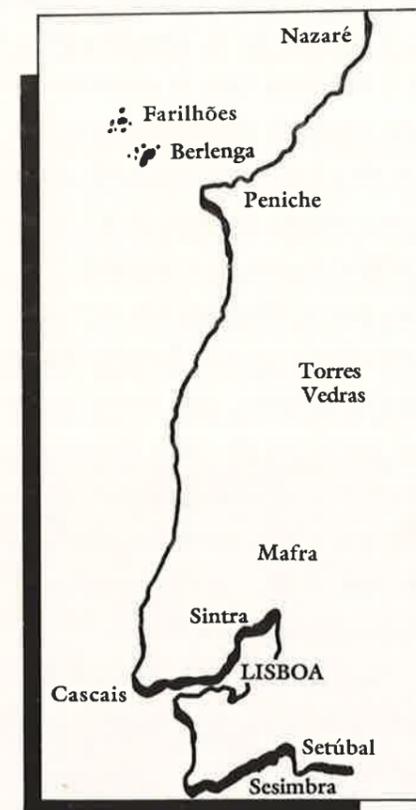
Dada su riqueza piscícola, don Alfonso V concedió al Infante don Henrique el señorío de las Berlengas y Balear. Doña María, esposa de don Manuel, mandó construir un monasterio para la Orden de los Jerónimos, concediéndoseles numerosas regalías, mantenidas y aumentadas durante el reinado de don João III; es de reseñar el derecho a la "dizima" del pescado de las Berlengas y Balear.

Los frailes que allí vivían, dedicados a la contemplación y a la oración, vieron turbada su paz por los constantes saqueos a que eran sometidos, principalmente por argelinos que solían hacer la aguada en esa isla. Es posible que, debido a los continuos asaltos a la isla, se construyese en 1652 la



- Reserva Natural Integral
- Reserva Natural Parcial
- Reserva de Rereco
- Local para acampar
- Itinerarios recomendados

- 1.— Fortaleza de S. João Baptista
- 2.— Barrio de pescadores
- 3.— Faro
- 4.— Camino del Monasterio
- 5.— Camino de los Cazones
- 6.— Cisterna
- 7.— Sirena
- 8.— Entrada Grande
- 9.— Cueva del Sueño
- 10.— Entrada Grande
- 11.— Punta de Francia
- 12.— Isleo da Velha
- 13.— Isleo da Inês
- 14.— Isleo Maldito
- 15.— Isleo da Quebrada
- 16.— "Melreu"
- 17.— Pesquero del Capitán





fortaleza de San João Baptista, que después del traslado de los frailes al distrito de Óbidos fue abandonada.

En el período de la Restauración, don João IV, ante la amenaza de una guerra con Castilla, mandó reconstruirla y dotarla con una pequeña guarnición. Posteriormente, quedó parcialmente destruida después de que el Almirante don Diego de Ibarra la asaltase al mando de una Escuadra Castellana. Acabada la guerra de la Restauración, don Pedro II mandó restaurar la fortaleza bajo la dirección del Marquês da Fronteira, siendo ocupada posteriormente por los ingleses, que la utilizaron de cárcel para soldados napoleónicos. En 1962, se volvió a reconstruir, pasando a ser una posada turística.

Muchos fueron los avatares por los que pasó la isla hasta que, por el Decreto Ley n.º 264/81 de 3 de septiembre, se constituyó en una Reserva Natural.

Geológicamente, casi todas las islas están constituidas por rocas graníticas de color rosado, aunque al NE y SW de la isla Berlenga afloran granitos de tonalidades más claras. Ambos granitos son calco-alcalinos, de tamaño variable, de grano grueso a fino; en algunos puntos aparecen filones y masas aplito-pegmatíticas.

La isla de los Farilhões está constituida por una serie metamórfica de gneiseres, alternando con esquistos gneísicos y micáceos.

Climáticamente, la isla está sometida a la acción de vientos fuertes, que en los meses de abril a septiembre tienen una dirección entre NW y NE (la Nortada), siendo el resto de

los meses de dirección muy variada. El invierno se caracteriza por ser muy lluvioso y el verano, caliente y seco. Tales condiciones climáticas influyen en gran medida en las aves, marcando la reproducción de las especies existentes y acondicionando la isla para ser utilizada en sus movimientos migratorios.

Son también evidentes las relaciones entre el clima y la vegetación, que constituida en su mayoría por herbáceas, tienen un gran interés botánico debido a sus endemismos. Cabe destacar, según Merelo de Figuereido (1973), la *Armeria Berlenguensis* Daveau, que tanto en invierno como en verano caracteriza el paisaje de las islas; la *Herniaria Berlenguiana* (Chandhi) Franco, la *Pulicaria Microcephala* Lange y el *Echium Rosulatum* Lange. En conjunto, pueden considerarse aproximadamente ochenta las especies existentes; si bien, especies introducidas como el *Ficus Carica*, el *Agave Americana* y el *Carpobrotus Edulis*, en especial este último de rápida expansión, amenazan seriamente las especies vegetales de la isla.

La corriente que baña la costa oeste de Portugal, llamada "Corriente de Portugal" es parte integrante de la corriente de superficie que circula en el Atlántico Norte y que es de naturaleza fría; es la misma corriente que baña el archipiélago de las Berlengas, que junto a su batimetría hacen de ellas una zona rica en fauna marina, siendo frecuentes las bandas de pardelas (*Calonectris diomedea*), gaviotas (*Larus argentatus*)





y cormoranes (*Phalacrocorax aristotelis*), indicándonos la presencia de bancos de peces; también el alcatraz (*Sula bassana*), es un punto de referencia de la presencia de estos bancos; los pescadores, pertenecientes generalmente al puerto de Peniche y Nazaré, se guían en sus faenas diarias por la presencia de estas aves. En este aspecto, no se puede establecer una correlación entre la fauna continental y la fauna isleña con estudios particulares de las evoluciones e influencias insulares, por tanto, nos limitaremos a establecer las especies más importantes que de una manera clara marcan la fisonomía de la isla.

Lo más llamativo, a primera vista, son las gaviotas (*Larus argentatus*) que, en la actualidad, superan los 7.000 individuos en época de reproducción. Esta especie, abundante en el hemisferio norte, ha sufrido un aumento considerable en los últimos años, en que, según el ornitólogo Lockley, en 1939 no sobrepasaban las 1.000 parejas. Otras especies que anidan en la isla son: el cormorán (*Phalacrocorax aristotelis*), que en 1981 no sobrepasaba las 40 parejas; los arios (*Uria aalge*) que, según Lockley, en 1939 la población era de 6.000 parejas y en la actualidad no sobrepasan los 200 individuos. Otras especies, como el alcatraz (*Sula bassana*), el magarico (*Numenius arguata*) y el papagayo de mar (*Fratercula artica*), sólo son vistas en determinadas épocas del año; igualmente ocurre con las aves migratorias que cíclicamente hacen de la isla un punto de escala.

Las Berlengas representan un patrimonio natural de

gran importancia que, junto a su potencial recreativo, hacen del archipiélago un lugar que hay que proteger. Algunas especies de aves se encuentran amenazadas. La desaparición de los arios es un ejemplo claro que, por desgracia, no se limita sólo a las Berlengas; en las costas de Bretaña y en el norte de España, su disminución es dramática.

Actualmente, se ha delimitado la isla en varias Reservas (ver mapa adjunto):

— Reserva natural integral: en esta zona está prohibido realizar cualquier acción que altere la dinámica de los respectivos ecosistemas. Ocupa la zona norte del camino que atraviesa la isla, dando acceso a las cisternas y a la fortaleza. Está prohibido su acceso.

— Reserva natural parcial: en este área, el acceso está condicionado; se intenta prevenir determinados conjuntos bien definidos de la naturaleza, ya sean en relación a su fauna, flora, geología, etc. Ocupa la zona sur de la isla, la Isla Velha y todos los isleos próximos.

— Reserva de recreo: corresponde a lo que a veces se denomina reserva turística, considerando el turismo como algo más que la comercialización del recreo. Son zonas aptas para satisfacer las necesidades de las poblaciones urbanas en materia de recreo. En la isla, esta zona queda definida en dos áreas: la que rodea a la fortaleza, el camino del monasterio, su playa y la ladera del barrio de los pescadores, incluyendo la zona de acampada.

— Reserva marina: corresponde a las aguas que envuelven la isla hasta una batimetría de 30 metros, presenta una gran riqueza ictiológica. Algunas especies, como los cazones, van a desovar en zonas próximas a la isla.

Es por todo ello por lo que el Ministerio portugués intenta mediante la prohibición de introducir especies animales y vegetales exóticos, practicar la caza submarina, acampar fuera de los locales designados a tal efecto, y otra serie de medidas, salvaguardar este patrimonio nacional de indudable belleza.

BIBLIOGRAFIA

- Guía de Portugal. A Berlenga.* Volumen 2.º. Biblioteca Nacional de Lisboa.
- LOCKLEY, R. M. 1952. *Notes on the birds of the Islands of the Berlengas (Portugal), the Desertas and Baixo (Madeira) and the Salvages.* Ibis, 94: 144-157.
- MERELO DE FIGUEREIDO, J. P.: 1973. *Contribuição para o estudo de uma Reserva Natural no Arquipélago das Berlengas.* Boletín Informativo da Liga para a Protecção da Natureza. Lisboa.
- MOREIRA, C. 1987. *Um poco de historia. Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza.* Lisboa.
- "O Clima de Portugal". Serviço Meteorológico Nacional. 1950. Fascículo VI. *Estremadura, Ribatejo e alto Alentejo.* Lisboa.
- RAN, V. e ZBYSZENSKI, G. 1949. *Estremadura e Ribatejo (VIII - les îles du nord-ouest de Peniche-Berlenga, Estelas, Farilhões)* Congreso Internacional de Geographie. Lisbonne.
- TEXEIRA, A. METZMACHER, M. e SILVA LUIS, A. 1981. *Acerca das Berlengas...* Boletín Informativo da Liga para a Protecção da Natureza. Lisboa.

Bronce de arnés y cuchillo afalcatado procedentes de La Torre (Ávila), España

Juan Antonio Jiménez Jiménez
Instituto Español de Lisboa

El motivo de la publicación de este trabajo es doble, por un lado difundir en el ámbito arqueológico portugués la existencia de esta bella pieza de arnés (1), relacionable con tipos existentes en el Museo Arqueológico de Conímbriga, y por otro, contribuir a ilustrar con datos arqueológicos la importancia de la vía romana que atraviesa el Sistema Central por los Puertos del Pico, Menga, Valle de Amblés y Sierra de Ávila, camino de Arévalo.

En superficie, en todo un conjunto de tierras de labor del término municipal de La Torre (Ávila) en las que se observan restos de tégulas y de cerámica sigillata, se hallaron con motivo de faenas agrícolas estas dos piezas. El bronce de arnés en las denominadas Los Tejares, en 1977, y el cuchillo afalcatado en Los Diezgos, en 1980. El topónimo Tejares hace referencia a la gran cantidad de tejas que aparecen en superficie. El conjunto de terrenos en los que se puede observar restos es bastante amplio, ocupando las márgenes derecha e izquierda del pequeño arroyo Blasco o Paradillo, que da sus aguas al Adaja.

Este yacimiento se encuentra al lado de la calzada romana estudiada por

Arenillas (2), prolongación septentrional de la del Puerto del Pico, poco después del vado del río Adaja en el Valle de Amblés.

Bronces de arnés. Tipología

Piezas semejantes a la analizada por nosotros han sido estudiadas por Palol (3) en varias ocasiones, así como por otros autores (4), y de ellas ha realizado su clasificación; pero el hecho de que muchas de ellas se conozcan a través del mercado de antigüedades ha imposibilitado la fijación de su cronología, hasta el punto de que en muchos manuales han aparecido analizadas como visigodas. Hoy podemos asegurar que se trata de piezas tardorromanas en torno a los siglos IV y V de Jc., sobre todo por el cambio tipológico que supone la aparición de un bocado de caballo mucho más pesado, con los visigodos.

Se dan distintos tipos de bronce de arnés, clasificados por Palol de la siguiente forma:

- I. Ruedas circulares con decoración calada de temas geométricos.
- II. Temas cristianos: crismones.
- III Escenas varias: "venaciones".
- IV. Caballos.
- V. Temas de estilización zoomórfica (leones, osos, panteras, delfines... (5).

Hemos podido inventariar dentro del grupo V, al que pertenece la pieza de La Torre, las siguientes sin perjuicio de que existan más:

I. Piezas de CONIMBRIGA, una con tema báquico, dos panteras apoyadas sobre una crátera o kántharos (6).

II. Pieza de ELCHE. Mus. Arq. Nac. Madrid. Repetidamente publicada con muy diversas interpretaciones. Dos leonas o panteras afrontadas (7).

III. Pieza de LECTOURE, departamento de Gers (Francia). Panteras afrontadas. Difiere de la analizada por nosotros en la base (8).

IV. Dos piezas del Museo Lázaro Galdiano. Se desconoce su procedencia. Leonas afrontadas (9).

V. Pieza procedente de España de la Walter Art Gallery de Baltimore (10).

La similitud mayor es la que presenta con la pieza de la Walter Art Gallery (11), sobre todo en lo que se refiere a la perspectiva torcida de las patas delanteras, caso único en estas dos piezas.

Ha habido numerosas opiniones en torno al posible origen (12) de este tipo de piezas; así Pierre Paris las creyó fenicias o cartaginesas; Dechelette las clasifica en la segunda edad del Hierro, en la época de La Tène. Carpenter cree que son griegas y arcaicas, al igual que García y Bellido, lo cual desde el punto de vista temático y compositivo es comprensible si pensamos en la Puerta de los Leones de Micenas o en esquemas compositivos escitas también con felinos afrontados (13).

Palol ha estudiado repetidamente este tipo de bronce y hoy se acepta claramente su baja romanidad, sobre todo a partir de la aparición de una pieza de dos osos afrontados y otra de dos protomos de caballos, relacionadas, sobre todo la primera, con la representación de "venationes" romanas.

Por otro lado en las villas romanas que se están excavando y a las que se les da una cronología en torno al siglo IV d. Jc., aparecen las panteras representadas en los mosaicos en muy diversas actitudes, pero en algunos casos afrontadas, aunque no justamente de la forma heráldica en que aparecen en este bronce.

En Alcalá de Henares, en un mosaico aparecen dos panteras o guepardos enfrentados (14), con las patas delanteras sobre un kántharos. Uno de los guepardos rompe la simetría mirando hacia atrás como lo hacen los que analizamos nosotros. Si establecemos una relación con la pieza de Conímbriga, en la que las dos panteras se apoyan sobre un kántharos (15) con claro tema báquico, el orientalismo de estas piezas puede tener una explicación al integrarse este animal en la religión dionisiaca bajo la influencia del culto asiático de Baco (16).

Dejando a un lado los elementos artísticos y estilísticos, que nos pueden llevar a una digresión harta amplia, partiendo tanto de la temática como de la composición, claramente orientalizante, intentaremos una aproximación a su cronología.

Hasta ahora muchas de las piezas

publicadas han salido del mercado de las antigüedades, lo que como ya observábamos ha hecho muy dificultosa la fijación de su posible cronología.

El caso concreto del bronce analizado por nosotros, permite un acercamiento a su datación por el hecho de haberse encontrado en un yacimiento que ofrece una facies de carácter tardorromano, donde han aparecido monedas de Claudio II el Gótico (s. III), Constantino I (s. IV), Valentiniano II (s. IV) (17), así como fragmentos de terra sigillata hispánica, entre ellos un fondo anular con sello... OF AEMIL, tégulas, etc. Si unimos esto a lo expuesto anteriormente podemos fijar un horizonte cronológico para la pieza en cuestión, que iría del siglo IV al V, dado que al haber sido encontrada en superficie, y no en depósito cerrado, resulta imposible una datación absoluta.

Cuchillo afalcatado.

Se trata de un cuchillo de hierro, de una pieza, mango y hoja. La hoja es de un solo filo. El dorso forma un ángulo abierto paralelo al cual sigue el filo, formando una doble curva característica. El mango, continuación de la hoja parece servir directamente para su manejo, sin señales de que estuviera recubierto por otro material, ni agujeros para clavos y remaches.

Medidas:

Hoja.—Longitud: 26 cms.

Ancho máximo: 5,2 cms.

Grosor máximo: 0,8 cms.

Mango.— Longitud: 10 cms.

Ancho máximo: 1,5 cms.

Grosor máximo: 1,5 cms.

Longitud total: 36 cms.

A primera vista y teniendo en cuenta su aparición en una zona de facies tardorromana en lo primero que se piensa es en los cuchillos tipo "Simancas" estudiados por Palol, pero su tamaño y el mango, tras una observación somera, lo descarta.

Si convenimos con Caballero (18) en que el tipo de cuchillo afalcatado lo forma un cuchillo de hierro de una pieza, con mango preparado para cachas de madera o huesos sujetos por remaches, y con la hoja doblada en ángulo abierto o una suave curva en el dorso, continuando sin interrupción la línea correspondiente del mango, y una doble curva en el filo, interrumpida por un escalón al llegar al mango, el ejemplar analizado por nosotros difiere de él en el mango, que no está preparado para llevar cachas, y además remata en "pico de águila".

Llama la atención el tamaño del cuchillo que analizamos, que nos hace pensar que se trata de un arma y no de un instrumento. Podemos establecer relaciones formales claras con cuchillos protohistóricos, así ejemplares parecidos aparecen en la Citânia de Sanfins (Portugal) (19), en el Castro de Tariago de Cerrato (Palencia) (20), a los que se acerca mucho más que al modelo de Quintanaurria (Burgos) (21), datado como tardorromano por el material que le acompaña y de sólo 11,4 cms. de longitud; asimismo otro

tipo de cuchillo que, por su forma, se relaciona con el analizado por nosotros, pero no por su tamaño, es el de las Paredejas (22) de 110 mms. de longitud total, en el Cerro del Berrueco (Salamanca), con el mango preparado para cachas.

Creemos que a pesar de la relación que establecemos con cuchillos protohistóricos, este cuchillo al haberse hallado en un área que ofrece carácter tardorromano (con materiales tales como fragmentos de terra sigillata hispánica, destacando una con sello EX OF T..., terra sigillata hispánica tardía, cerámica pintada de tradición indígena, gris, dorada, común, semis de Constantino, fibula charnela de bronce), podemos situarlo en la baja romanidad en torno a los siglos IV y V d. Jc.

Sería un caso de pervivencia de formas, en una zona no muy romanizada y con castros no muy lejanos como el de Ulaca en Solosancho, y los Castillejos en Sanchorreja; por otro lado en los siglos IV y V hay una tendencia al indigenismo, al hacerse más somero el poder político romano y cierto grado de barbarización. Este cuchillo puede ser perfectamente un arma de caza, teniendo en cuenta el auge que este tipo de actividad parece tener en Hispania en este momento, si nos atenemos a las figuraciones musivarias.

Se trataría por tanto de un objeto de fabricación local, de ahí la dificultad de establecer relaciones con otros tipos, en el sentido de que son piezas únicas. El topónimo que se encuentra muy cerca del lugar del hallazgo, Soto de Herreros, parece confirmarlo.

Vía romana.

Es significativa la ubicación del yacimiento, donde se hallaron ambas piezas, paralela a la vía romana, que a través del Sistema Central, pone en contacto las dos mesetas por los puertos del Pico, Menga, fosa del Amblés y Sierra de Avila (23), lo que nos hace pensar en un posible asentamiento de carácter estratégico, en un limes interior, para contrarrestar posibles invasiones como las del siglo III o correrías de campesinos sin tierras, en un momento en el que el latifundio establece una clara dualidad económico-social muy marcada (24).

Esta vía, contra lo que se pueda pensar al observar cualquier mapa de vías romanas de Hispania, donde no aparece, a pesar de la evidencia de su existencia, sobre todo en sus tramos serranos, tiene seguros antecedentes prerromanos. No sólo por puro determinismo geográfico a la hora de intentar atravesar el Sistema Central, por esta parte centro-occidental, sino porque la existencia de verracos o toros de piedra, en su recorrido, como el que al norte del vado del Adaja, en el Valle de Amblés (25), estaba incrustado en un corral circular para guardar el ganado, lo demuestra fehacientemente.

¿Vía directamente relacionada con el trasiego de ganados, ya con los vetones, permaneciendo hasta hoy mismo transitada por trashumantes? ¿No cabe pensar en su importancia a lo largo del siglo IV, con un tipo de economía mixta agrícola-ganadera, que se ajusta perfectamente a los servicios que podía

prestar? ¿Qué pensar de esos cencerros que aparecen en los asentamientos del siglo IV, tan parecidos a los portados por las vacadas que han venido atravesando estas cañadas? ¿Acaso el valor del caballo en el siglo IV era solamente bélico y lúdico? La dirección que lleva esta calzada, y la aparición de restos romanos de carácter rural a lo largo de su recorrido (La Torre, Bravos, Villafior, S. Pedro del Arroyo, Papatrigo, etc...) (26), nos indica el interés económico y aglutinador de la vía en el siglo IV, adaptada perfectamente a la economía de la época. La conformación de la red viaria actual así como otro tipo de causas, ha relegado al olvido una vía de importancia excepcional en la época del Bajo Imperio. El hecho de que no se hayan realizado excavaciones en el asentamiento estudiado, no nos permite precisar, si se trata de un establecimiento únicamente tardío o por el contrario en niveles inferiores aparecen restos indígenas. Por el momento sólo anotar cierto indigenismo (cuchillo afalcatado) e influencia bárbara (bronce de arnés), fenómenos propios de la Meseta en época tardorromana. Esperemos que futuros estudios ayuden a justificar lo que se sugiere en este trabajo.'

NOTAS

(1) Pérez Herrero, E. "Cama de bocado tardorromano hallada en La Torre (Ávila)". Homenaje al prof. Martín Almagro Basch, III. Ministerio de Cultura. Madrid 1983. Págs. 429 y ss. Desde aquí queremos agradecer el primer trabajo realizado sobre esta pieza, así como su publicación, que fue posible gracias al buen hacer de D. Enrique Pérez Herrero, que sabrá entender los motivos que nos mueven a volver sobre ella.

(2) "Una vía romana a través del Sistema Central Español. La prolongación septentrional de la calzada del Puerto del Pico". Revista de Obras Públicas, 1975, 2. Págs. 791 y ss.

(3) Bronces de arnés con representaciones zoomorfas. "Ampurias 1953-54. Pág. 279 y ss.

"Más bronce de arnés en la provincia de Palencia". B.S.A.A. 1969. Pág. 308

"Hallazgos hispano-romanos de los siglos IV y V en Soria". Pyrenae, 1970.

(4) Pereira, I. "Elementos de freios tardo-romanos en Conímbriga", en "Conímbriga" IX, 1970. Pág. 7 y ss.

Caballero Zoreda: "La necrópolis tardorromana de Fuentespreadas (Zamora). Un asentamiento en el Valle del Duero en Exc. Arq. Esp. n.º 80, 1974. Pág. 78.

(5) Palol, P. de "Bronces de..." op. cit. Pág. 279 y ss."

(6) Moutinho-Alarcão, y Salette da Ponte. Coleções do Museu Monográfico de Conímbriga. Coimbra 1984. Págs. 109 y 110.

(7) Palol, P. de Arch. Esp. Arque. XXV, 1952. Págs. 318-319.

(8) Idem.

(9) López Serrano, M. H.ª de Esp. Menéndez Pidal. "Artes decorativas de la época visigoda". T. III. Madrid 1980. Pág. 816, fig. 588.

(10) Palol, P. de Arqueología Cristiana de la España Romana, Siglos IV y VI d. Jc. C.S.I.C. Madrid-Valladolid 1967. Págs. 350-60.

(11) Pérez Herrero, E. Cama de..." op. cit. Pág. 434.

(12) Palol, P. de Arch. Esp. Arq. XXV, Madrid 1952. Pág. 397 y ss.

(13) L'Art Scythe. Editions d'art Aurora. Leningrado 1986. Véase la fot. 2. Ornamento de arnés fechado

en el s. VI a C. Musco del Ermitage. Inv. T. 1913. 55. Fig. I.C.

(14) Dimas y Galiano Ruiz. "Un valioso mosaico hallado en Alcalá de Henares" XIII Congreso Nac. de Arq. Huelva 1973. Zaragoza 1975. Págs. 925-26.

(15) Blázquez Martínez. H.^a Esp. Menéndez Pidal. T. II. Vol.I. Madrid 1982. Págs. 531-33.

(16) Argente Oliver. "El mosaico de Baco en la villa de Baños de Valdearados (Burgos)". XIII Con. Nac. Arq. op. cit. Pág. 904.

(17) Pérez Herrero, E. "Cama de..." Op. cit. Pág. 432.

(18) Caballero Zoreda. La necrópolis... Op. cit. Pág. 64.

(19) Ferreira de Almeida, C.A. "Influencias Meridionais na Cultura Castreja". XIII Cong. Nac. Arq... Op. cit. Pág. 495. Véase a propósito la figura I.

(20) Castro García, L. "El Castro de Tarriego de Cerrato (Palencia)" XIII Con. Nac. Arq. Op. cit. Véase lámina II de este trabajo.

(21) Osaba, Abasolo, Uribarri y Liz. "La cueva de Quintanaurria (Burgos)" N.A.H. Tomo XV. Madrid 1971. Págs. 186-87.

(22) Pinel, C. Materiales del poblado de las Paredes en el Cerro Berrueco (Salamanca). Zepirus, 1976. Págs. 362-63.

(23) Arenillas. Op. cit. Págs. 791 y ss.

(24) Caballero Zoreda. La necrópolis... Op. cit. Págs. 211 y ss.

(25) El toro está en mal estado, ya que se le quitó la cabeza, para que encajara en la pared de la que formaba parte, y asimismo se le rebajó el lomo, para poder asentar en él otras piedras. Hoy en el atrio de la Iglesia Parroquial de La Torre (Ávila).

(26) Molinero Pérez, A. Miscelánea. Papeles del autor depositados en la Biblioteca Nacional de Madrid. Artículos publicados en el Diario de Ávila los días 9, 13, 18 y 24 de septiembre de 1982.

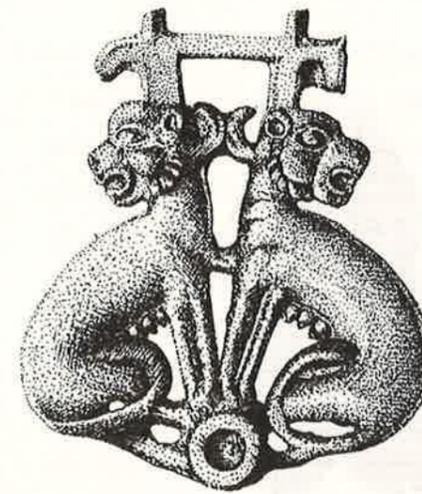
Dibujos: SENDO

A 100 x 83 mm.

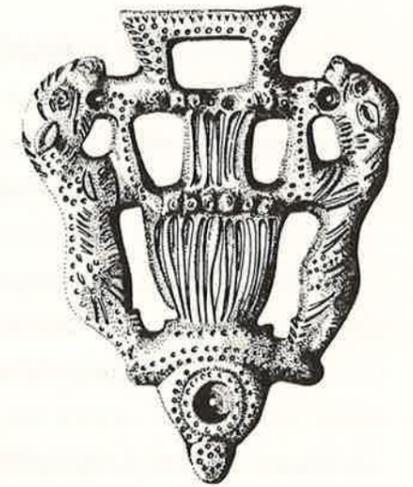
B 107 x 85 mm.

C 43 x 50 mm.

D 102 x 96 mm.



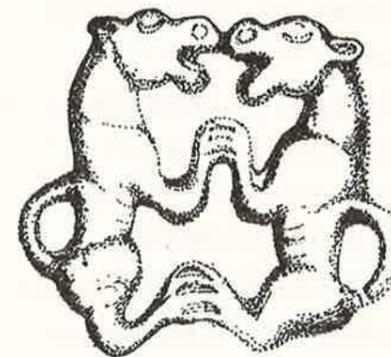
A 100 x 83 mm.



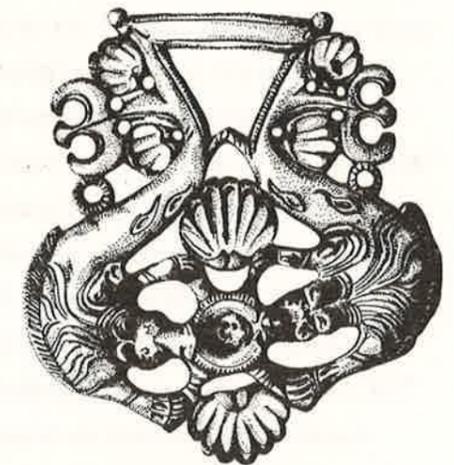
B 107 x 85 mm.



F



C 43 x 50 mm.



D 102 x 96 mm.

Fig. I: Bronces de arnés. A: La Torre., Museo Prov. Avila. B y D: Coninbriga. Museo monográfico de Coninbriga. C: Taman, arte escita. Museo del Ermitage, Leningrado. F: Cuchillo afalcatado, propiedad del autor.

NAMBAN - JIM

Los portugueses vistos por los artistas japoneses en el siglo XVI

Lisboa sigue siendo un paraíso de sorpresas, un archivo de curiosidades y una fuente de riqueza cultural para quien, todavía, no conoce sus tesoros. El Museo de Arte Antiga guarda unos magníficos tesoros, los BIOMBOS DE ARTE NAMBAN, que reflejan detalladamente a los portugueses por la India y Japón en el S. XVI.

Este museo, llamado también de "las janelas verdes" por estar situado en la calle del mismo nombre, posee una buena colección de objetos y obras de arte, procedentes en buen número de los territorios coloniales de Oriente.

Hay una sala dedicada a dos obras raras en su género aquí en occidente y probablemente las más antiguas del arte NAMBAN; son dos pares de Biombos del S. XVI que representan a

los portugueses llegando a puerto y comerciando en las costas japonesas.

El Biombo, de origen chino, y que por proximidad pasó al Japón en el VIII, en principio estaba destinado a ser colocado delante de la puerta principal de la vivienda para protegerla de los vientos; posteriormente y adquiriendo un formato más ligero, pasó a ser un objeto ornamental importante en donde se ilustraban



escenas cotidianas y de relevante actualidad. Están formados en tiras de dos a doce paneles plegables, que servían para dividir compartimentos o reservar zonas más íntimas, por lo que originariamente cumplía una función más utilitaria que decorativa. Los biombos que se exponen en el Museo de Arte Antiga son cuatro y de seis paneles cada uno y se encuentran en perfecto estado.

Hasta la llegada de los portugueses a Japón en 1542, los motivos representados en los biombos eran arcaizantes, de origen asiático, y de una sobriedad inspirada por los monjes Zen. Es curioso y no es difícil pensar que la llegada de extranjeros a las costas de Japón produce a los habitantes nipones un impacto exótico. Estos navegantes, las primeras tierras que alcanzaron de Japón fueron las

costas de la isla Tanegaxima, causando gran espanto a los nativos por su forma de vestir y por las armas que portaban. Según narra el "Tratado dos Descubrimientos", el señor de la localidad quedó tan alucinado por el alcance de las escopetas, que logró conseguir a cualquier precio una, e inmediatamente comenzaron a fabricar este tipo de arma de fuego, llevando el nombre de la isla situada al sur:

Tanegaxima = espingarda = escopeta. A los portugueses, que eran el centro de atracción, les denominaron

"NAMBAN-JIM" (Hombres bárbaros procedentes del sur). Por entonces, ya hacía algún tiempo que los españoles estaban en Filipinas y también recibían este nombre. Contaban, por entonces,

los chinos y malayos que los portugueses habían salido de un país muy lejano de Occidente, en naves muy bien preparadas para surcar los extensos mares, que poseían cañones

de más alcance que ningún otro conocido. Contaban, también que poseían instrumentos y cartas de navegación, que constantemente iban actualizando y modernizando.

Anterior a esta fecha, Vasco de Gama había abierto brecha en la India (1498), y en 1511 Afonso de Albuquerque, verdadero incursor de Oriente, conquistaba Malaca. En 1513

Jorge Álvarez prosiguiendo rumbo sur-este de la China llegaba a Timor.

Aunque la llegada de los portugueses a las islas del Sol Naciente se produce 30 años después, el encuentro con estos "exóticos" navegantes causa la misma curiosidad y admiración ver arribar a sus costas grandes barcos negros, armados de mástiles gigantes y maromas que jamás habían visto.

NAMBAN-JIM

Este suceso influyó de manera notable en la población, y sobre todo en los artistas; se supone que éstos se relacionaron muy de cerca, incluso navegando en los barcos de los NAMBAN-JIM, como se aprecia en el biombo que representa el barco negro en Goa. Las largas estancias de los barcos en el puerto, esperando los vientos monzónicos para que arrastraran las naves hasta Macao, constituía una amigable convivencia entre portugueses y japoneses.

Los paneles, atribuidos a Kano Domi y Kano Naizen, fueron pintados entre 1593 y 1610; en ellos se describe el riguroso cortejo que descendía de los barcos, encabezado por el capitán, identificado por la sombrilla que le protegía en manos de un negro, seguido de oficiales y mercaderes de esclavos, reclutados en las costas de Africa, la India o musulmana, portando los presentes como era costumbre. Kano Domi, autor de los Biombos,

natural de Kioto, realizó estas obras por encargo del propietario de un castillo cerca de Osaka. Estos paneles llegan a Portugal hacia los años 30, al haberlos adquirido Costa Carmelo, entonces embajador en Tokio. Son los ejemplares más antiguos en el mundo;

por su composición y descripción rigurosa de cada figura colocan a estos biombos en una relevancia especial. K.

Domi, prescindiendo de una visión real, omitiendo componentes, le da un especial énfasis para describir una

mejor lectura sobre la realidad Namban. El barco "negro" lo adorna con todo lujo de detalles y parece que

quedó muy impresionado por la destreza de los marineros deslizándose por las maromas, izando las velas, ya

que dibuja sus siluetas en acrobacias imposibles. Se identifican claramente

en estas pinturas los objetos y presentes con los que intercambiaban y negociaban, por el dibujo

y colorido brillante. El Biombo antes de ser pintado a la

témpera, era encolado sucesivamente con capas de papel de arroz, recubriéndolo en una segunda fase de

láminas de pan de oro. Kano Naizen, autor del biombo que

tiene por título "El barco Negro", procede de una saga de artistas salidos del taller Kano; cambió su género de pintor de ciudades por el arte Namban

y es tenido por el mejor autor de

biombos que se guardan en el Museo de Cultura Namban en Osaka. La obra del barco negro representa a los portugueses llegando a Goa, capital del estado de la India.

Se nota en esta obra la inclusión de objetos y detalles occidentales en una ambientación Oriental. Se aprecian diferentes planos con construcciones resueltas en perspectiva oriental, es decir, con el punto de fuga detrás del

observador; fondo y forma crean un juego de ambigüedades que tanto describen nubes como entrantes de

mar. La descripción de los personajes nos permite visualizar los pormenores de la vida de los portugueses en la

India; los 75 personajes que aparecen están identificados por las funciones y categorías que cada uno tiene. Los

clérigos y cristianizantes también están identificados por el color de los



hábitos. El cortejo descriptivo continúa con los animales que portaban para maravillarse en plan circense, o para implantar especies (caballos, galgos, burros, camellos, ocas y pájaros exóticos, monos, etc....)

Estas obras de arte y pocas más que existen fuera de Japón, que se salvaron después de la prohibición del cristianismo y expulsión de los portugueses en 1636, suponen un documento único de lo que se denominó ARTE NAMBAN.

BIBLIOGRAFIA

- M.^a Elena Mendes. *Biombos Namban*. Lis. 1988.
Appert, G. *Ancien Japon*. Tokio, 1988.
Harara, Jiro. *Old Japanese folding screens*. The Studio, London. 1911.
Matsuda, Kuchi. *Coloquio*, n.º 11. Lisb, 1960.
Okamoto, Yoshitomo. *The Namban Art of J.* Tokio 1972.

Rosendo García Ramos

O FINGIDOR DA REALIDADE

Ruth San Payo

Sob um céu cinzento, donde caía uma chuva cinzenta, chegou a Lisboa Julio Llamazares, o jovem escritor leonês, trazendo consigo *La Lluvia Amarilla*, a sua mais recente novela. Nasceu em 1955, em Vegañán, pequena aldeia desaparecida do mapa, sob as águas duma barragem.

Alto, possante, mais nórdico que latino, tez clara, cabelo cor de tabaco, farto bigode, olhar atento mas melancólico.

Com ar de "big boy", usa "jeans", ainda em atitude de rejeição do visual da classe estabelecida.

No Instituto Espanhol, ao Dafundo, houve um breve colóquio, em que o escritor apresentou a sua obra e leu extractos da mesma.

Licenciado em Direito, dedicou-se ao jornalismo e publicou livros de poemas. Com um deles obteve o prémio "Jorge Guillén". Logo passou á narrativa com *El Entierro de Genarín* e daí à sua primeira novela *Luna de Lobos*.

Foi desta última que, no Instituto Espanhol, começou por ler uma ou duas páginas, num ritmo, rápido, acelerado, incisivo, seco. O estilo da prosa assim o exigia.

Como modificou a sua voz ao ler, em seguida, alguns trechos de *La Lluvia Amarilla*. Aquela tornou-se lenta, dolente, distante, melancólica.

O leitor de *La Lluvia Amarilla* dá-se conta que, de facto, melancolia e solidão formam a tónica desta sua última novela.

O entrecho situa-se numa pequena aldeia dos Pirineus, abandonada a pouco e pouco pelos seus habitantes. Resta um só homem, obstinado e fiel, recordando, no delírio da febre e na angústia da morte, todos aqueles que o acompanharam na vida. Fiel como a presença da sua cadela que não o deixa.

A medida que a aldeia Ainielle vai sendo abandonada, começa a ser habitada pelas forças da natureza, por sombras do passado e também pelos fantasmas do seu delírio.

Contudo, os fantasmas que povoam o espaço narrativo não são, como em *The Turn of the Screw*, de Henry James, envoltos em mistério e terror. São, aqui, uma realidade reconfortante da recordação, a lembrança da mulher, da mãe, da filha, de entes queridos, que voltam a ocupar os seus lugares. "Los muertos vuelven".

Os elementos da natureza personificam-se e habitam destruidoramente a aldeia deserta:

— "el gemido acerado de niebla"



Julio Llamazares - Lisboa 1989

— "la nieve y la ventisca gemían"
— "el viento golpea las puertas, sacude los muros"
— "el frío mordía los portales y las calles"
— "el moho y la humedad roían en silencio las paredes"
As sombras desempenham um papel relevante:
— "mi propia sombra venía a acostarse en mi cama"
Há uma infinidade de sinestésias como:
— "una luz velada estallaba en los cristales"
Há sensações contraditórias:
— "el aullido del silencio"

O escritor emprega uma variedade de termos para exprimir a solidão humana:

— "olvido, desamparo, silencio, desolación, tristeza, oscuridad, hastío, desencanto, desánimo, apatía, soledad"

A paleta das cores inclui apenas o negro, o gris e o amarelo. Desde a chuva às sombras dos choupos, aos frutos nas árvores predomina o tom amarelo. Não será esta a cor do esquecimento como a das páginas dum velho livro ou de cartas há muito tempo guardadas?

Tudo na novela contribui para criar um clima emocional, "Stimmung", no expressivo termo da língua alemã.

Um dos elementos mais emotivos é a companhia da cadeliinha, que, tal como em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o protagonista acaba por matar com um tiro certo de espingarda, para que não fique abandonada, depois da morte o levar.

A novela é, por assim dizer, uma balada, balada de heroísmo e da perseverança e coragem de um homem, fiel ao torrão de terra que o criou.

"Quién he sido yo, estos años, aquí solo, sino el perro más fiel de esta casa y de Ainielle."

Numa atmosfera de alto valor poético, foca um problema dos nossos dias, uma realidade histórica, a do abandono dos campos.

Durante um encontro com Fernando Dacosta, na Universidade Nova de Lisboa, ficou clara a teoria de Llamazares. A história de uma época é dada com mais verdade na obra literária dessa mesma época.

Vem a propósito parafrasear Fernando Pessoa; o escritor é bom fingidor, finge tão completamente que chega a fingir que é realidade a realidade que deveras existe.

EL NOVELISTA SEVILLANO JOSÉ MAS EN LENGUA PORTUGUESA

Carlos Garrido Rújula

Hoy, a muchos, no les dice nada el nombre de José Mas. Sin embargo, fue uno de los novelistas más leídos y traducidos de los años comprendidos entre la primera guerra mundial y la civil española. Después, los cambios estéticos y políticos lo sumieron en un olvido casi total. Literariamente podría situarse entre el naturalismo de Vicente Blasco Ibáñez, del que fue defensor y amigo (*Blasco Ibáñez y la jauría*, 1928), y la novela social de Andrés Carranque o César Arconada.

Nació en Écija (Sevilla) en 1885 y era hijo del literato Benito Mas y Prat, al que en cierta ocasión entrevistaron y le preguntaron cuál le parecía su obra más valiosa, y contestó: "Mi obra más importante es mi hijo Pepe" (1). Cuando en 1892, joven aún, murió Mas y Prat, su familia pasó por estrecheces económicas que hicieron que José, casi niño, emigrara a Fernando Poo, de donde tuvo que regresar a causa de lo enfermizo del clima; pero con experiencias que reflejaría luego en algunos de sus libros (*Con rumbo a tierras africanas*, *En el país de los bubis*, *Justicia africana*, *La piedra de fuego*, etc.) Se casó en 1911 con la



José Mas, por Manolo Marín Feria.

sevillana Pastora Liñán y de este matrimonio nacieron cuatro hijos, de los cuales viven tres actualmente. En Madrid es secretario del político y literato Mario Méndez Bejarano, colabora en multitud de revistas, escribe, publica. La guerra civil la pasó en casa del dibujante Andrés Martínez de León y, ya en 1941, año en que murió, estuvo encarcelado varios meses.

Escribió una treintena larga de libros, con temática diversa (la mujer, lo social, el campo andaluz, Castilla, Galicia, Sevilla...). En 1909 publicó *Alma y materia*, su primera obra según K. Detering (2). Pero son las novelas de la serie sevillana las que, sorprendentemente, suscitaron enorme interés en Portugal y fueron traducidas a su lengua. Esta interesante serie ha merecido que Cansinos Asséns diga: "El novelista auténtico, el novelador del alma y del paisaje sevillano es, como ya hemos dicho, José Mas. En sus

obras aparece por primera vez, consciente y explícito, el propósito de estilizar novelescamente los aspectos de la ciudad." (3)

Todas las de la serie, menos *Ham-pa y miseria* (1923), fueron traducidas al portugués: *La bruja* (1916), melodramática historia de una mujer sevillana marcada por un destino trágico, *La estrella de la Giralda* (1918), extraordinarias descripciones de la Catedral y Giralda y una visión de Sevilla desde arriba, al modo de la *Vetusta* de Leopoldo Alas, *La Orgía* (1918), retrato mordaz del señoritismo sevillano de los primeros años del siglo, y *Por las aguas del río* (1920), pasiones, tipos y ambientes junto al Guadalquivir.

Aparte de las mencionadas obras del ciclo sevillano, también se tradujeron al portugués la novela *Soledad* (1915) y la colección de cuentos *Narraciones trágicas* (1923).

Tenemos que recordar, por último, las colaboraciones de José Mas en la revista portuguesa *Ilustração*, que empezaron en 1929 con el cuento titulado *Sangue e sol* y que apareció encabezado, como presentación, con las siguientes palabras:

"Nesta brilhante 'pleiade' de escritores espanhóis contemporâneos que desfila número a número através das atentas páginas da nossa revista, e que já lhe dá jús a considerar-se como o melhor repositório em português da

interessante literatura do país vizinho, não podia faltar, sem imperdoável deficiência, o nome amigo de José Mas. O ilustre escritor sevilhano, que representa no variado mapa literário da Espanha a nota das grandes emoções em romances que são um alarde da sensibilidade viva e colorista da sua Andaluzia, é um entusiasta pelas coisas portuguesas, e se o seu reconhecido valor de novelista não fôsse bastante a recomendá-lo aos nossos leitores com toda a nossa admiração, isso seria suficiente a grangear-lhe a simpatia e o afecto de todos os que nesta casa trabalham. José Mas inicia hoje a sua colaboração nesta revista com um formoso conto, que é um interessante quadro dumas das regiões mais típicas e curiosas da Espanha."

(1) Mas Liñán, Rodolfo: En carta a Carlos Garrido Rújula. Palma de Mallorca, 6-12-1985.

(2) Detering, Klemens: *José Mas, un novelista olvidado*. Duisburg, 1981. Edic. numerada.

(3) Cansinos-Asséns, Rafael: *Sevilla en la literatura (Las novelas sevillanas de José Mas)*. Madrid, 1923.

(4) *Ilustração*, año 4.º, número 80. Lisboa, 16 de abril de 1929.

ESPIONAGEM E CONTRA-ESPIONAGEM NUMA GUERRA PENINSULAR 1640 - 1668

Existen múltiples temas de la Historia común de España y de Portugal que han merecido escasa atención investigadora por parte de la historiografía de ambos países. Uno de ellos, de manera especial para la producción científica hispana, es el de la *Guerra de la Restauración*. Las casi tres décadas de conflicto armado han sido poco estudiadas por investigadores hispanos que, además, han omitido toda utilización de fuentes documentales portuguesas ligadas al tema, fundamentales para la aprehensión de sus elementos estructurales.

Ahora, un Profesor del Instituto Español de Lisboa acaba de ver publicado un trabajo que, en su día, fue Primer Premio (Geografía e Historia) de los III Premios María Zambrano de Investigación Científica, convocado por el Ministerio de Educación y Ciencia, centrado sobre un aspecto muy concreto de la Guerra de la Restauración. En efecto, el número 19 de la Colección Horizonte Histórico, de "Livros Horizontes", ha recogido el estudio de Fernando Cortés Cortés *Espionagem e contra-espionagem numa guerra peninsular 1640 - 1668*. Se trata de un análisis de esta parcela, poco o nada estudiada del período bélico que enfrentó a ambos países.

En el volumen recién publicado,



haciendo casi exclusivo uso de textos documentales de mediados del siglo XVII, palabras de aquellos que fueron protagonistas directos de los hechos que se historian, podemos vislumbrar el mundo del espionaje y del contraespionaje del momento y los procedimientos utilizados no sólo en la búsqueda de noticias sobre los preparativos bélicos o estratégicos del enemigo, castellano o portugués, sino también en la protección de la propia realidad. Los métodos más usuales del espionaje, la aproximación al espionaje organizado y las prácticas habituales del contraespionaje constituyen partes del estudio contenido en el presente libro. Su lectura permite el acercamiento a una realidad oscura del pasado y adentrarnos en una parcela, insospechada, desconocida y casi misteriosa, de las actividades de los Estados Modernos del Seiscientos.

LITERATURA ESPAÑOLA EN PORTUGUÉS

De vez en cuando nos llegan noticias de la publicación en Portugal de traducciones de obras literarias españolas.

La editorial Teorema publicó el año pasado *O Paradoxo da Ave Migratória*, de Luis Goytisolo, traducida por José Antonio Massano.

El proyecto más amplio para dar a conocer al público portugués las obras más significativas de la narrativa contemporánea española lo tiene Publicações Dom Quixote. En su colección "Letras de Espanha" ha publicado *A cidade dos prodígios*, de Eduardo Mendoza, con traducción de J. Teixeira Aguiar. Dentro de esta misma colección se presentó recientemente en Lisboa *A praça do diamante*, de Mercé Rodoreda, traducida por Mercedes Balsemão.

La colección anuncia como próximos títulos *A verdade sobre o caso Savolta*, de Eduardo Mendoza, y *A voz Melódica*, de Monserrat Roig.

Un buen comienzo de colección si se continúa abriendo el muestrario a otros ejemplos significativos de la narrativa española actual.

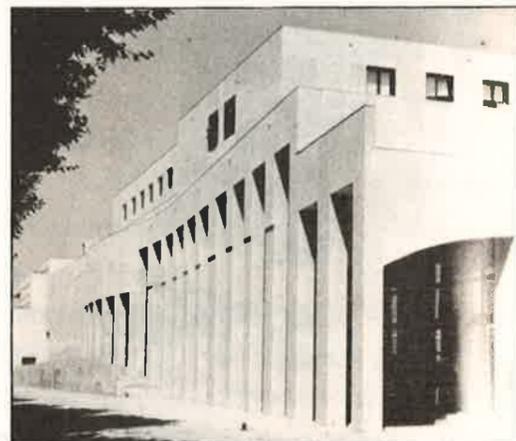


ARQUITECTURA EN PORTUGAL Y EN ESPAÑA

Cada vez se hace más viva la evidencia de que tras las fronteras no está el mar. El sentimiento de espacio abierto peninsular a todas las manifestaciones culturales tiene un nuevo exponente en la revista ARCHITECTI. Dirigida por Luiz Trigueiros, acaba de aparecer el número 1 de una revista trimestral que pretende "restablecer la aproximación profesional y la discusión de obras construidas en la Península Ibérica. "La revista dedicará cada número a la presentación de edificaciones de Portugal y de España, desde el punto de vista de la imagen, la concepción general y el detalle.

El primer número presenta un estudio de Michel Toussaint, "Do Guadalquivir ao Atlântico", en el que se analizan las obras de Alcino Soutinho (Paços do Concelho de Matosinhos) y de Rafael Moneo (Edificio de La Previsión Española, en Sevilla). Recoge también artículos de Álvaro Siza, Alexandre Alves Costa, Narciso Miranda e Ignasi Solá-Morales, entre otros.

La revista es bilingüe, si bien la buena calidad de la impresión no está acompañada del mismo cuidado en la presentación de los textos en español, con errores que aparecen desde la misma portada.



LUCIO MUÑOZ en la Fundación Gulbenkian

Entre enero y febrero ha podido visitarse una exposición antológica de Lucio Muñoz en la sala principal de la Fundación Gulbenkian.

La obra abarca un período desde 1952 a 1988, en un total de 93 cuadros, prácticamente los mismos que estuvieron durante el último trimestre del 88 en el Reina Sofía de Madrid.

Ha causado buena impresión al público portugués esta forma de trabajar, ensamblando, salpicando, restregando la madera; lustrándola con apacibles tonos que van desde las penumbras ahumadas por velados colores de las primeras décadas, hasta las nuevas incorporaciones de otros materiales plásticos y restos de colores-pigmento oxidados fruto de una incandescente vorágine creativa. Siempre me ha gustado el inagotable partido que Lucio le extrae a la madera, a la plancha de ocumen, al aprisionamiento y desbastado de los ensamblajes; no hay nada desdeñable en ninguna de sus composiciones porque están llenas de sugerencias, aún en las obras de grandes superficies sorprendidas por mágicos brotes o protuberancias, fascina y regresa uno a un ancestro mesetario que pueden recordar ciertas áreas de Castilla. Hay obras como "Sombra Uriana", las "Mistias", las de "Mo", lagos y meses del año que te invitan a una identificación compleja y placentera a la vez. Son mundos y submundos que circundan al espectador para introducirle en un sueño poético.

Falta en esta elegante muestra una dosis de su obra gráfica, muy interesante y no desprovista de sugerencias; donde, también, le extrae a la técnica, tanto por los materiales que emplea como por los soportes de papel artesanal, todo el poder del relieve impreso

La Fundación Gulbenkian, como ya nos tiene acostumbrados, nuevamente nos ha sorprendido con la exposición de un maestro y un brillante montaje.

Sendo Ramos



"Sequeros" 1961.

ANDALUCÍA EN LISBOA

Presencia de una Cultura

Carlos Álvarez de Sotomayor

"Un Centro Educativo de España en el Exterior no puede limitar su acción al ámbito de lo estrictamente académico"—decía en la introducción a la jornada José María Martín Valenzuela—.

En un día de otoño portugués se rompió el corsé en el Instituto Español de Lisboa. Hubo otra cosa: ...presencia de una cultura, de un modo de ser, de una manera de estar en la vida... aires de Andalucía.

Los pequeños de Básica supieron de la guitarra por la voz, las manos y la inspiración de un "maestro": Antonio Díaz.

Los jóvenes de Bachillerato se encontraron con el espíritu poético de cinco andaluces: Rafael Hinojosa, José Antonio Moreno Jurado, Javier Egea, Manuel Jurado y Juan León. "Poetas andaluces de ahora".

La poesía pide cancha y, en la noche otoñal, toca sensibilidades adultas de amigos portugueses y españolitas de acá.

Y, como cierre, un poquito de flamenco. Poquito... porque nos supo a poco. Al cante, un "Calli" que se entregó. Al Baile, una Ana Rodríguez que nos levantó de los asientos. Acompañaron magistralmente la guitarra de Ramón Rodríguez y el cuadro al completo de la gitanísima familia Platón. Todo estuvo ilustrado por un gran sabedor de flamenco, venido de Córdoba —¡no faltaba más!—: Rafael Guerra.

Esto no es toda Andalucía. Es sólo una leve presencia. Habrá más. "Exigencias de orden alfabético —decía también José María Martín— han traído a Andalucía. Pero habrá presencia de otros rincones y pueblos de España." No es necesario inventar nada, y personas competentes —y posibilidades— hay en este Instituto Español de Lisboa para seguir poniendo en comunicación a dos pueblos a los que ya no les resulta posible "viver de costas".

LA PENINSULA EN EL CAMBIO POLITICO

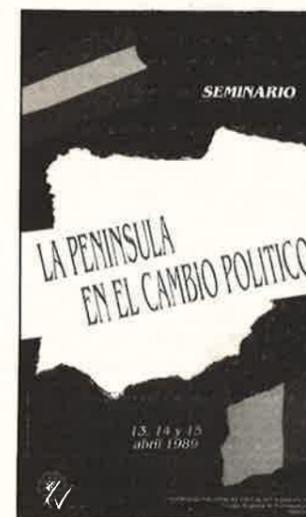
En Mérida, organizado por el Centro Regional de Extremadura de la Universidad a Distancia (U.N.E.D.), se ha celebrado, durante los días 13, 14 y 15 de abril, un Seminario con el título "La Península en el cambio político".

Es la segunda reunión hispano-portuguesa que convoca el centro universitario de Mérida para analizar cuestiones de amplia incidencia social en las dos comunidades nacionales.

Con el Seminario celebrado este año, con palabras de su coordinador, Hipólito de la Torre, "se trata de profundizar en la peripecia histórica de Portugal y España durante un periodo clave que transforma el tejido espiritual y social y prepara el futuro para el salto democrático".

En el Seminario se pusieron de relieve las características de los dos regímenes dictatoriales, salazarismo y franquismo, y los aspectos más destacados de la sociedad española y portuguesa en el proceso de cambio democrático, así como las fuerzas sociales que contribuyeron al mismo.

Por parte portuguesa participaron en el Seminario los profesores M. Braga da Cruz, António José Tello, Aniceto Alfonso, Antonio Ventura y J. Sánchez Cervelló; la situación española fue expuesta por los profesores C. Seco Serrano, Javier Tusell, Santos Juliá, Guillermo Gortázar, Andrés de Blas y el general M. Alonso Baquer.



1.ª FOTOGRAFIA HACE 150 AÑOS

Se puede decir que la fotografía está en todos los medios de difusión y que casi es un elemento imprescindible en la comunicación.

En 1839, Louis Jacques Mandé Daguerre imponía imágenes nítidas sobre una placa de metal tratada; había inventado el daguerrotipo.

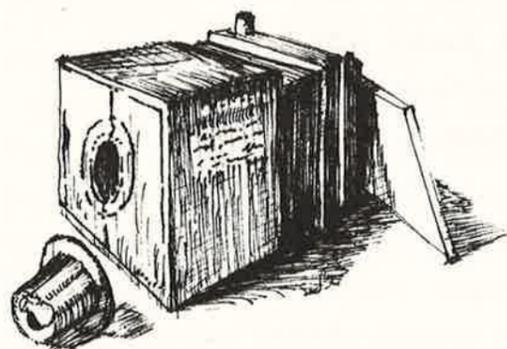
Niépce (1765-1833), ya en 1816, trató de transferir imágenes a placas litográficas por medio de la luz; logró hacer una foto en su cámara utilizando sales de plata, resultando un negativo. El que las sales de plata se alterasen con la luz lo había descubierto en 1727 el alemán Johann H. Schulce. Niépce desistió al no lograr positivar su invento y veinte años después, en

1836, Henry Fox Talbot descubre el proceso negativo-positivo.

Daguerre colaboró diez años con Niépce para mejorar los hallazgos de éste. En 1833, Niépce muere sin avanzar en el sistema de fijar de una forma permanente las imágenes. Se dice que fue por accidente el que una de las placas expuestas tocara el vapor de mercurio, reduciendo a media hora el tiempo de exposición.

En 1839, Arago apoyaría a Daguerre y se anunciaría públicamente su descubrimiento. Si bien estos primeros daguerrotipos no favorecían los retratos por la larga exposición, el mayor inconveniente era el no poder hacer copias. Sólo se producía una única imagen.

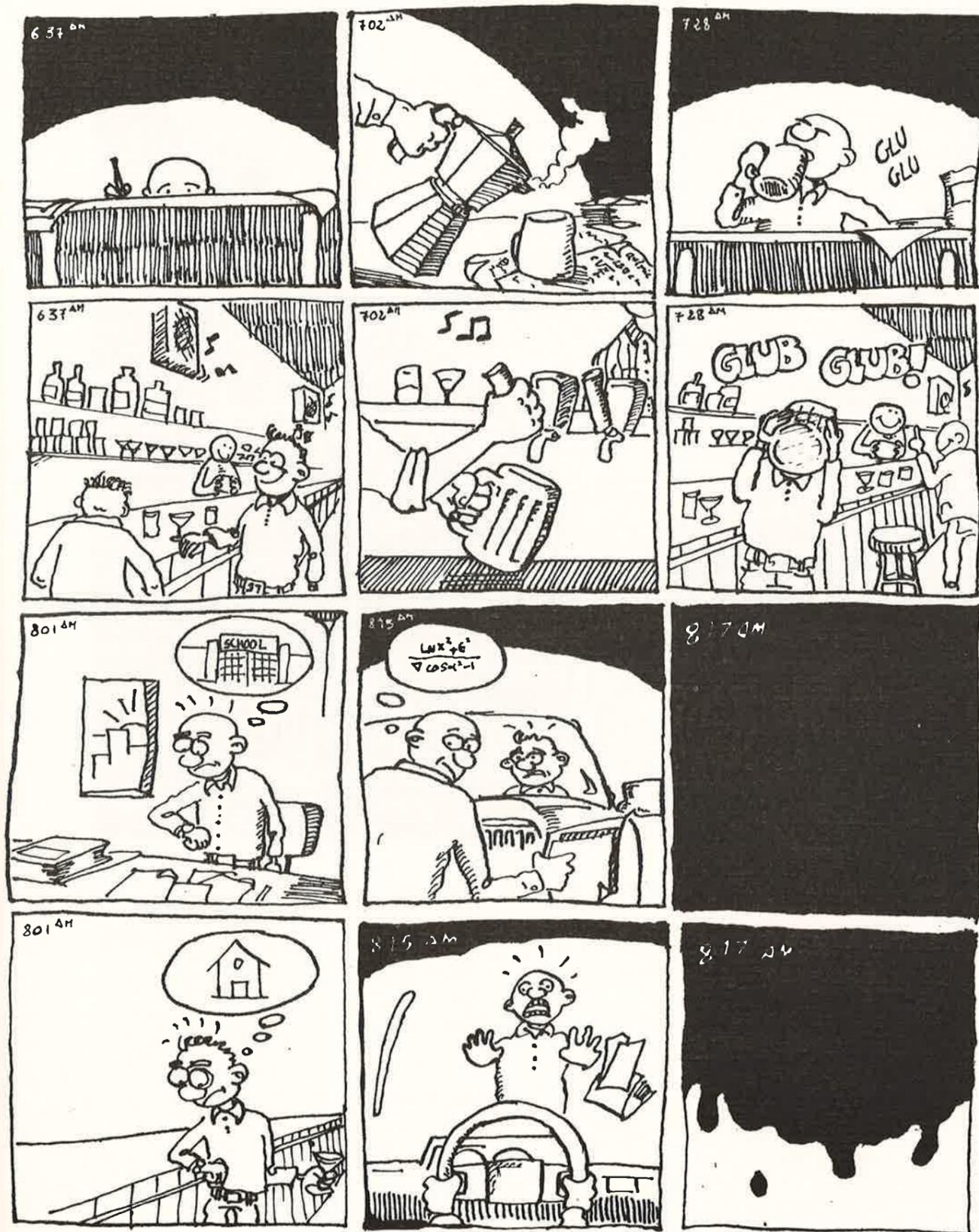
Veinte años después desaparecería el daguerrotipo al estandarizarse el proceso negativo-positivo.



1.ª cámara fotográfica "Niépce".



1.ª fotografía, 1839. Boulevard de París —sin gente por la larga exposición.



RSR Cero ©89



Reserva de las Berlengas.